

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ

ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

MESTRADO E DOUTORADO

CLAUDIA LEONE

**A MULHER NA PSICANÁLISE: A NOÇÃO DE FEMININO NO CONTEXTO DO
COMPLEXO DE ÉDIPO FREUDIANO E LACANIANO**

CURITIBA

2022

CLAUDIA LEONE

**A MULHER NA PSICANÁLISE: A NOÇÃO DE FEMININO NO CONTEXTO DO
COMPLEXO DE ÉDIPO FREUDIANO E LACANIANO**

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Mestrado em Filosofia na linha de pesquisa Filosofia da Psicanálise, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ribeiro da Fonseca.

CURITIBA

2022

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Edilene de Oliveira dos Santos CRB 9 / 1636

L583m
2022

Leone, Claudia
A mulher na psicanálise : a noção de feminino no contexto do Complexo de Édipo freudiano e laciano / Claudia Leone ; orientador: Eduardo Ribeiro da Fonseca. -- 2022
[72] f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2022
Inclui bibliografia

1. Filosofia. 2. Psicanálise e filosofia. 3. Feminismo. 4. Mulheres e psicanálise. 5. Édipo, Complexo de. I. Fonseca, Eduardo Ribeiro da. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título

CDD 20. ed. – 100



Programa de
**PÓS-GRADUAÇÃO
EM FILOSOFIA
PUCPR**

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 220
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Claudia Leone

Aos vinte e seis dias do mês de agosto de dois mil e vinte e dois, às 14h00, reuniu-se por videoconferência a Banca Examinadora constituída pelos professores: Prof. Dr. Eduardo Ribeiro da Fonseca, Prof. Dr. Eladio Constantino Pablo Craia e Prof.^a Dr.^a Léa Silveira para examinar a dissertação da mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, **Claudia Leone**, ano de ingresso 2020, intitulada: A MULHER NA PSICANÁLISE: A NOÇÃO DE FEMININO NO CONTEXTO DO COMPLEXO DE ÉDIPO FREUDIANO E LACANIANO. Após apresentação e defesa da Dissertação, a mestranda foi APROVADA pela Banca Examinadora. Proclamados os resultados, o Presidente da banca outorga à candidata o título de Mestre em Filosofia. A sessão encerrou-se às 16h30s. Os avaliadores participaram da defesa por videoconferência e estão de acordo com os termos acima descritos. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelo presidente da banca e pela coordenação do Programa.

Presidente:

Prof. Dr. Eduardo Ribeiro da Fonseca (PUCPR)

Membro interno:

Prof. Dr. Eladio Constantino Pablo Craia (PUCPR) Participação vídeo conferência

Membro externo:

Prof.^a Dr.^a Léa Silveira (Univ. Federal de Lavras) Participação vídeo conferência

Prof. Dr. Federico Ferraguto
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia – *Stricto Sensu*



AGRADECIMENTOS

Ao meu companheiro, **Cláudio Márcio Romano**, que acompanhou minha caminhada, me incentivando ao enfrentamento que a escrita impõe. Por suas palavras de imenso carinho, compreensão e cuidado. Assim como pelos nossos debates que marcam a diferença servindo de alicerce para nossa caminhada juntos.

À minha irmã gêmea, **Carolina Leone**, que esteve desde sempre ao meu lado e creditou a mim a confiança e possibilidade de finalizar esse percurso. Por nossas discussões acerca da humanidade e seus impasses que nos revira a alma de inquietação.

Aos meus pais, **Armando Leone Júnior** e **Adelaide Strupeni Leone** por todo o empenho na função do impossível de educar e sempre no apontamento que a caminhada da vida é individual, porém não é solitária, deixando assim um traço de força e coragem ao enfrentamento das dificuldades.

Ao meu avô, **Armando Leone** (em memória), por ter me inserido inconscientemente na letra freudiana.

Ao meu tio, **Eduardo Leone** (em memória), que me inspira a insistir no percurso acadêmico e por ter me mostrado seu interesse em Lacan.

Ao meu orienta(dor), **Dr. Eduardo Ribeiro da Fonseca**, que me auxiliou na tarefa árdua da pesquisa, da leitura e da transformação do pensamento em letra. Pela sua paciência e generosidade em auxiliar uma psicanalista no trajeto tortuoso entre psicanálise e filosofia.

Ao meu analista, **Jorge Sesarino**, que caminhou ao meu lado na angústia da produção de algo sobre meu ser que, como mulher, busco no labirinto das palavras as saídas para a essência que não vem prontas. Tecendo significantes para a construção do Real que a vida impõe a todo fal(a)sser.

Aos professores convidados para a apreciação desta escrita, **Léa Silveira** e **Eládio Craia**. Muito obrigada pelas considerações fundamentais lançadas na minha qualificação, pelas preciosas palavras de incentivo e por atento trabalho de me fazer refletir sobre os pontos cegos acerca da teoria.

RESUMO

Essa dissertação objetiva aprofundar tanto quanto possível o debate acerca das noções de mulher e de feminino na psicanálise freudiana e lacaniana, tomando como conceito norteador o de Complexo de Édipo. Através de uma pesquisa bibliográfica, abordamos a forma como a psicanálise estabelece uma determinada trajetória possível para a sexualidade humana, a qual não está vinculada simplesmente ao biológico, mas se estabelece a partir de um ponto de vista psíquico. Tal caminho é repleto de percalços, tanto na experiência quanto na abordagem conceitual, principalmente quando se trata de abordar e circunscrever as noções de mulher e feminino. Assim, no primeiro capítulo abordamos a contraditória trajetória de Freud em relação a esses problemas, desde sua concepção de sexualidade, até a sua quem sabe paradoxal concepção de mulher como segundo sexo e a ascensão à feminilidade, cujo desenvolvimento está diretamente ligado ao casamento e à maternidade. A noção freudiana de feminino que é proposta a partir do Complexo de Édipo reafirma o lugar de submissão e menos-valia da mulher de sua época. O segundo capítulo, por sua vez, retrata o movimento lacaniano de retorno a Freud, que trouxe à baila novos recursos teóricos-conceituais ligados ao Complexo de Édipo, tais como a referência antropológica ao conceito simbólico que o engloba, bem como o recurso à linguística e à teoria do significante. Se isso possibilitou talvez um novo olhar acerca da mulher para além da mãe freudiana e que se contextualiza na ordem simbólica, ainda assim essa mesma ordem simbólica está identificada ao conceito de falo, em torno do qual se articula e gravita. Por isso, esse ponto de partida da teoria lacaniana também é alvo de críticas, pois, ao final, também reduziria a mulher ao lugar de objeto do desejo do homem e igualmente tomaria essa circunstância como aquela que possibilita a ela a ascensão à feminilidade. No terceiro capítulo, que articula os dois primeiros e tenta dar uma resposta aos questionamentos neles inclusos, estudamos posicionamentos contemporâneos sobre o conceito de Complexo de Édipo. Tais concepções buscam, de certa forma, criticar e repensar o lugar da mulher e do feminino na Psicanálise à luz da discussão contemporânea em outras áreas do conhecimento acadêmico e social que, ao circunscrever seus avanços e seus embaraços, ou seja, que estuda esse processo de desenvolvimento intrapsíquico como a condição íntima que consolida o acesso à função simbólica, instaurando no centro do psiquismo, no entanto, aquilo que é da ordem do impossível.

Palavras-chave: mulher; feminino; complexo de Édipo; psicanálise.

ABSTRACT

This dissertation aims to deepen as much as possible the debate about the notions of woman and feminine in Freudian and Lacanian psychoanalysis, taking as a guiding concept the Oedipus Complex. Through a bibliographical research, we approach how psychoanalysis establishes a certain possible trajectory for human sexuality, which is not simply linked to the biological, but is established from a psychic point of view. This path is full of mishaps, both in experience and in the conceptual approach, especially when it comes to approaching and circumscribing the notions of “woman” and “feminine”. Thus, in the first chapter we approach Freud's contradictory trajectory in relation to these problems, from his conception of sexuality, to his perhaps paradoxical conception of woman as a second sex and the rise to femininity, whose development is directly linked to marriage and maternity. The Freudian notion of the feminine that is proposed from the Oedipus Complex reaffirms the place of submission and undervaluation of the woman of her time. The second chapter, in turn, portrays the Lacanian movement of return to Freud, which brought up new theoretical-conceptual resources linked to the Oedipus Complex, such as the anthropological reference to the symbolic concept that encompasses it, as well as the use of linguistics and the theory of the signifier. If this perhaps made possible a new look at woman concept beyond the Freudian mother which is contextualized in the symbolic order, even so, this same symbolic order is identified with the concept of the phallus, around which it articulates and gravitates. Therefore, this starting point of the Lacanian theory is also the target of criticism, because, in the end, it would also reduce the woman to the place of the man's object of desire and would also take this circumstance as the one that allows her to rise to femininity. In the third chapter, which articulates the first two and tries to give an answer to the questions included in them, we study contemporary positions on the concept of the Oedipus Complex. Such conceptions seek, in a way, to criticize and rethink the place of the woman and the feminine in Psychoanalysis in the light of contemporary discussion in other areas of academic and social knowledge that, by circumscribing its advances and its embarrassments, studies this process of intrapsychic development as the intimate condition that consolidates access to the symbolic function, establishing at the center of the psyche, however, that which is in the domain of the impossible.

Keywords: woman; feminine; Oedipus complex; psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1: A MULHER E O FEMININO EM FREUD	18
1.1 A SEXUALIDADE (A) NATURAL	22
1.2 O PÊNIS REAL: O FALOCENTRISMO FREUDIANO	25
1.3 DA INVEJA À MATERNIDADE: SAÍDAS POSSÍVEIS PARA A MULHER FREUDIANA	32
CAPÍTULO 2: A MULHER E FEMININO EM LACAN	40
2.1 O RETORNO A FREUD: O INCONSCIENTE ESTRUTURADO COMO UMA LINGUAGEM	42
2.2 O ÉDIPO LACANIANO: O FALO COMO SIGNIFICANTE	46
2.3 A MULHER COMO SEMBLANTE	52
CAPÍTULO 3: A ATUALIDADE DO ÉDIPO	59
3.1 O ÉDIPO OBSOLETO	62
3.2 O ÉDIPO PERSISTE	65
CONCLUSÃO	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72

INTRODUÇÃO

A proposta desta dissertação é debater como a psicanálise aborda a questão da mulher e do feminino pelo viés de um conceito central: o complexo de Édipo. Por se tratar de uma dissertação desenvolvida num programa de filosofia, especificamente a filosofia da psicanálise, tomaremos os pressupostos sugeridos por Luiz Roberto Monzani para a construção de um debate: “inverter o procedimento tradicional da filosofia da ciência, que parte de uma pré-determinada ideia de verdade, e se pergunta se as diferentes disciplinas que vão desfilaro frente a ela (matemática, física, biologia, psicanálise etc.) se adequam a esse modelo preestabelecido” (MONZANI, 2008, p. 15). Portanto, não objetivamos provar a veracidade dos conceitos em psicanálise, pois sua potência como teoria já está colocada; todavia, levando em consideração que seu arsenal teórico não é dado como definitivo, nos propomos a um debate através de um pequeno recorte na teoria psicanalítica. Monzani complementa: “Daí, sobretudo, é de onde eu vejo o **interesse** de uma filosofia da psicanálise: não para saber se é uma ciência ou não, mas sim porque ela nos faz repensar os nossos pressupostos mais enraizados” (MONZANI, 2008, p. 16, grifo no original).

Assim, quanto aos pressupostos desta escrita e quanto ao método que utilizaremos para promover esta argumentação, esta é uma pesquisa bibliográfica que faz um recorte teórico para melhor examinar o tema, de modo que a teoria freudiana e lacaniana sobre a mulher e o feminino é abordada tendo como referência o complexo de Édipo. O primeiro capítulo foca na escrita freudiana no que tange ao tema proposto por essa dissertação. Já o segundo capítulo aborda a psicanálise lacaneana, todavia daremos ênfase ao primeiro tempo de sua obra, nomeado como “retorno a Freud”, no qual o autor discute o Édipo valendo-se das ciências de sua época. No terceiro capítulo, debateremos a atualidade do Édipo e as contribuições que psicanalistas e filósofos deram a este conceito central na teoria psicanalítica.

A psicanálise, como uma narrativa conceitual e uma experiência que se recolhe na clínica, foi criada por Sigmund Freud no fim do século XIX e início do século XX. O ponto crucial de seu interesse é a subjetividade humana, inovando ao supor a existência do inconsciente, contrariando a lógica cartesiana do “penso, logo existo”. A teorização sobre o inconsciente retira a autonomia do consciente, incluindo então outra forma de estar no mundo. A psicanálise subverteu a lógica dominante de sua época ao derrubar a distinção entre

natureza e cultura, produzindo um novo entendimento da sexualidade humana. Até então, o que prevalecia era o discurso médico que partia da biologia e da anatomia para determinar o que se esperava da sexualidade humana e o que poderia se inscrever como homem ou mulher. Freud introduziu o argumento de que a sexualidade humana é perversa polimorfa, e que, portanto, sua natureza não visa apenas à reprodução, muito pelo contrário, há uma variedade de manifestações que se apresentam dentro da sexualidade e que se constroem desde a mais tenra idade, a partir das primeiras relações entre a criança e seus cuidadores.

Freud redefiniu o conceito de sexualidade, que em sua época era tratada como puramente biológica, servindo para a manutenção de um modelo heteronormativo. A psicanálise não descartou o conhecimento no qual ela estava inserida, porém trouxe à luz o que permanecia recalcado, interpelando o que a sociedade de sua época considerava como patológico. Ampliou o conceito de normalidade, enunciando que muito do que era considerado patológico fazia parte da sexualidade humana, perversa polimorfa, que se manifesta desde muito cedo. Por exemplo, o ato de mamar do bebê não tem apenas o objetivo de saciar a fome, mas sim de satisfazer a pulsão sexual, e essa primeira forma de se relacionar com o seio materno terá consequências nas futuras relações da criança. A pulsão sexual lança o homem para além de sua natureza biológica, buscando sempre algo a mais que a satisfação de suas necessidades.

[...] Freud dissocia a sexualidade humana do suposto alvo privilegiado da biologia: a genitalidade reprodutiva. Esta é uma norma apenas relativa, possível e plausível, que depende do processo de desenvolvimento da própria sexualidade. O marco inicial desta é o *Trieb* oral, que equivale à **porta de entrada** do circuito pulsional. O objeto que aí se coloca, isto é, o seio, não é necessário. Por isso, nenhum alimento **jamais** satisfará a fome, pois do ponto de vista do *Trieb* oral, apenas contorna-se o objeto “eternamente faltante”. Então parece que, a pretexto de sentir fome, o bebê deseja (FONSECA, 2009, p. 3, grifo no original).

A sexualidade não possui como único objetivo a reprodução e manutenção da espécie, pelo contrário, a psicanálise aponta para a complexa subjetivação do sexo, num processo tortuoso que ocorre desde a infância.

Não, a sexualidade não é algo que, adormecido, habita nossas entranhas esperando o momento oportuno para se manifestar. Ao contrário, em vez de ser algo pronto, ela é o resultado de uma **síntese**, de uma **composição** em que diferentes pulsões (parciais, fragmentadas), diversas zonas, serão progressivamente ativadas e lentamente se integrarão para dar essa forma final que conhecemos (MONZANI, 2014, p. 33, grifos no original).

A noção de sexualidade na psicanálise é fundamental, pois além de ter sido afastada da ideia de patologia, como pensava a psiquiatria clássica, foi desvinculada da noção de genitalidade e de um modelo comportamental pré-formado (instinto). Freud reconfigurou a ideia de sexualidade, não apenas transmutando seu conceito, mas também extrapolando o

conceito clássico (MONZANI, 2014). A sexualidade, segundo Freud, também estava na psicogênese da histeria, como uma fonte de traumas que, por ter sido represada, causava comportamentos desviantes.

Assim, a psicanálise apresentava uma teoria sobre a sexualidade humana que diferenciava meninos e meninas não apenas pela anatomia de seus corpos, mas também por um processo que iria da infância até a saída do complexo de Édipo, livrando a sexualidade de sua gênese naturalista, instintual. O conceito de complexo de Édipo é universal a todo ser humano, e é através dele que se chega a uma identidade sexual e às escolhas objetivas amorosas.

Assim, partindo dos conceitos de complexo de Édipo e complexo de Castração, a psicanálise introduz uma dinâmica para a construção da sexualidade em meninos e meninas, não mais atrelada ao instinto biológico, promovendo, portanto, uma resposta psíquica à natureza. Freud entende que, inicialmente, apenas o órgão sexual masculino – o pênis – é reconhecido por meninos e meninas, ou seja, a vagina é completamente descartada do circuito, e o clitóris seria a sede de estímulo na menina, marcando um caráter masculino na atividade sexual feminina.

A sexualidade na psicanálise é um tema fundamental, pois evidencia a trajetória complexa que Freud estava percorrendo. Esse percurso de construção e desconstrução de uma teoria fica evidente quando o psicanalista aborda a mulher e o feminino. Na sua investigação sobre como uma menina torna-se mulher, vemos Freud tropeçar em vários percalços teóricos que não ficaram completamente resolvidos até o final de sua obra. Luiz Roberto Monzani, em seu livro “Freud o movimento de um pensamento”, investiga o movimento realizado por Freud na construção da psicanálise.

Respeitadas as diferenças, pode-se dizer que algo similar ocorre hoje com a obra de Freud, com o agravante de que, em relação a este, pode-se falar não em dois aspectos, mas em três ou quatro. Haveria, por exemplo, o Freud neurólogo, até por volta de 1897, data em que por fim, teria abandonado definitivamente essa posição. Ou, então, haveria o Freud adepto da teoria da sedução até por volta da mesma época, quando, percebendo seus enganos, teria posto esta de lado e colocado as verdadeiras bases da etiologia das neuroses através dos conceitos de fantasia e sexualidade infantil. Erros longínquos e facilmente explicáveis, poder-se-ia dizer, já que se trata exatamente dos momentos difíceis da constituição da psicanálise, em que, portanto, as hesitações e os descaminhos são de esperar (MONZANI, 2014, p. 15).

Um dos pontos de virada, os movimentos da teoria como indica Monzani, é a criação da teoria da fantasia¹, através da percepção de que a teoria da sedução já não contemplava seus argumentos. Percebemos também esse movimento em relação às construções teóricas sobre a mulher e o feminino que intrigou Freud ao ponto de tentar responde-las até o fim de sua vida.

Freud se vê às voltas com a binariedade homem e mulher, pênis e vagina, atividade e passividade, construindo uma teoria que explicasse a sexualidade humana para além do anatômico e do instintual. A sexualidade feminina possui suas bases na ausência de reconhecimento da vagina, sendo o clitóris – considerado um equivalente ao pênis – o órgão privilegiado na menina em relação à masturbação infantil. À menina caberia a inveja do pênis, como ponto central da sexualidade feminina, que seria o efeito do Complexo de Castração. A resolução do Complexo de Édipo poderia se dar através de três saídas: a primeira seria a renúncia geral da vida erótica; a segunda, o complexo de masculinidade; e a terceira, onde se alcançaria a verdadeira feminilidade, consistiria no abandono da masturbação clitoridiana e renúncia à atividade masculina, dando origem, assim, ao desejo de ter um filho como substituto de ter um pênis.

Há um conflito conhecido que concerne ao ter ou não ter o pênis, ser ou não ser castrado, algo que seria reconhecido pelas crianças quando bem pequenas. Essa diferença fez Freud ficar preso ao anatômico dos corpos e elaborar toda sua teoria da sexualidade pautada na primazia do falo.

Podemos observar dois momentos na construção da teoria da sexualidade da mulher. Nos primeiros textos, Freud está mais preocupado em afastar a sexualidade humana da categoria puramente biológica. Já nos textos finais, ele está enredado na sexualidade feminina e no Complexo de Castração e de Édipo, que se estruturam de forma diferente no menino. Nos textos sobre a sexualidade da mulher (1931) e sobre a feminilidade (1933), percebe-se a insistência em discutir o tema que o instiga. Em “Análise terminável e interminável” (1937), Freud se questiona novamente acerca do polêmico Complexo de Castração e retoma a

¹ Conforme o Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise: “Nos primeiros tempos, Freud admitia como realmente acontecidas as cenas de **sedução** que suas pacientes histéricas contavam. Aos poucos, foi abandonando essa crença e, reconhecendo seu equívoco, passou a sustentar que a realidade aparentemente concreta dessas cenas não passava de uma **realidade psíquica**. A partir daí, Freud centrou seu interesse nas encenações fantasiosas, como por exemplo, as que descreve no romance familiar (ZIMERMAN, 2008, p. 142, grifos no original).

diferença anatômica como responsável pelas formas distintas em homens e mulheres. Assim, Freud só reforça seu posicionamento, que já havia sido apresentado no texto “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1925). Portanto, o impasse não havia se resolvido, permanecendo a mulher um mistério que o pai da psicanálise não conseguiu decifrar.

Colette Soler, em “O que Lacan dizia sobre as mulheres” (2005), reitera a impossibilidade de apelar ao instinto para explicar a sexualidade humana, de modo que ser macho não basta para constituir o homem, tampouco ser fêmea, a mulher. Todavia, a diferença anatômica é transformada em significante e reduzida à problemática do ter o falo, sendo que a pulsão ignora a diferença sexual, ao passo que poderíamos acrescentar que é a orientação do desejo que torna possível uma explicação para a escolha sexual. Assim, nesse contexto, Soler aponta que Freud “reconheceu o fracasso de sua tentativa. Seu famoso ‘que quer uma mulher?’ confessa isso, no final, e poderia traduzir-se assim: o Édipo produz o homem, não produz a mulher” (p. 17).

A psicanálise tem em Jacques Lacan um forte e polêmico representante, e sua extensa obra também é marcada por uma construção e por momentos de virada teórica, que serão trazidos ao debate no segundo capítulo desta dissertação. A controversa questão sobre a mulher e o feminino atravessa toda sua teoria, contudo, faremos um recorte com o objetivo de marcar principalmente seu primeiro momento, na década de 1950, quando iniciaram os seus seminários orais. Privilegiamos esse momento por se tratar de uma nova forma de ler o conceito edipiano, pela ótica lacaniana, que dá um inédito contorno ao que a psicanálise entende ser uma mulher e o feminino.

Lacan (1995), utilizando a teoria edipiana de Freud, aponta para a assunção do falo como significante para a criança, não mais na relação anatômica do ter ou não ter. “Trata-se de que a criança assuma o falo como significante, e de uma maneira que faça dele instrumento da ordem simbólica das trocas, na medida em que ele preside à constituição das linhagens” (p. 204).

Alfredo Jerusalinski, partidário da teoria lacaniana, defende que essa ordem simbólica é necessária para um direcionamento no mundo, pois nascemos desprovidos de um guia para orientação. Precisamos do outro como suporte para a transmissão desse saber estar no mundo que funciona como lei, melhor dizendo, “para [que] o significante tenha valor de lei, é

necessário que ele faça marca” (2004, p. 11), que ele molde. O outro encarnado na figura daqueles que exercem os cuidados com a criança toma o lugar do Outro, o representante da lei, que ordena o mundo através da inscrição significante.

A teoria sobre o falo em Lacan é considerada o ponto crucial de seu retorno a Freud, pois aponta a equivalência imaginária do falo na teoria freudiana. Essa guinada acontece em 1958, no “Seminário 5: As formações do inconsciente”, quando explora-se, em vários pontos, a virada do falo imaginário, em Freud, para o falo simbólico: antes era o ter ou não ter o falo (equivalente ao pênis), depois ser ou não ser o falo (significante do desejo).

A função constitutiva do falo, na dialética da introdução do sujeito em sua existência pura e simples e em sua posição sexual, é impossível de deduzir, se não fizermos dele o significante fundamental pelo qual o desejo do sujeito tem que se fazer reconhecer como tal, quer se trate do homem, quer se trate da mulher (LACAN, 1999, p. 285). (Verificar recuo da citação.)

A sexualidade, então, não estaria mais norteadada por sua base anatômica, como em Freud, mas sim pelo desejo que tem a referência fálica. O sujeito recebe a significação que vem do Outro e, com isso, terá que se articular na dança dos sexos; seja homem ou mulher, o falo está no centro. A inveja do pênis (*Penisneid*) fará a entrada da mulher no Édipo, assim como a angústia de castração faz com o homem. “Resta, pois, o que corresponde à castração, a qual amputa simbolicamente do sujeito alguma coisa imaginária. Que se trate, no caso, de uma fantasia, corresponde bem a isso” (LACAN, 1999, p. 289).

Neste mesmo seminário, Lacan, referindo-se ao falo metaforicamente, fala sobre a relação amorosa entre homem e mulher. Em uma famosa frase, ele afirma que ao homem cabe oferecer o que não tem, e à mulher, ser o que não é. Assim, ele dá consistência ao que está propondo como forma para a sexualidade feminina até então: ser o falo para um homem, ser o objeto de desejo para um homem.

O problema do amor é o da profunda divisão que se introduz no interior das atividades do sujeito. A questão de que se trata, para o homem, segundo a própria definição do amor – dar o que não se tem –, é dar aquilo que ele não tem, o falo, a um ser que não o é (1999, p. 364).

Ressaltamos esse ponto ao qual alude Lacan, colocando o falo como uma metáfora, isto é, o representante do desejo, e retomamos aqui a posição do que se compreende ser mulher nesse momento de sua teoria: ser o representante do desejo do homem. Colette Soler reafirma esse posicionamento de Lacan, no qual há uma diferença com relação a Freud no tocante ao falo e também ao posicionamento da mulher após o Édipo:

[...] “um tem o falo, o outro não” à outra “um é, o outro tem”, ou, dito de outro modo, “o que não tem é”? Lacan se autoriza da experiência para – cito “O aturdido” – “situar na questão central do ser ou do ter o falo (cf. minha *Bedeutung* dos Escritos) a função que supre a relação sexual”. Esta frase marca

uma continuidade entre seus textos de 1958, sobretudo “A significação do falo”, e o de 1972. Marca também sua grande diferença com Freud, aparentemente pelo menos, pois, com efeito, os dois tipos de formulação não estão absolutamente no mesmo nível (SOLER, 2020, p. 43).

A questão da mulher em Freud e em Lacan segue uma distinção, da qual iremos apontar e também questionar no transcorrer dessa escrita. Freud propõe uma saída heteronormativa, que está relacionada à maternidade, a saber, se a mulher precisa se haver com a sua castração imposta ao corpo, ela poderá se arranjar com uma saída edipiana ao ter o falo através do ser mãe. Essa seria a saída por excelência para a feminilidade em Freud. Já em Lacan, há um distanciamento da relação com a castração no corpo, pois a castração é para ambos os sexos anatômicos. Contudo, a mulher alcançaria a feminilidade na posição de ser o falo para um homem, ou seja, ser o objeto de desejo de um homem. Corroborando, portanto, a heteronormatividade freudiana.

Para Lacan, não há saída para as mulheres do lado do ter, visto que nessa posição elas permanecem no que se costuma considerar como seu dom: elas iludem, mentem, não são autênticas. Podemos diferenciar dois momentos cruciais no ensino de Lacan, no que concerne à mulher e à diferença sexual. O primeiro encontra-se bem representado em seu escrito A significação do falo, quando ele desdobra a lógica freudiana de ter o falo para ter e ser o falo. A dimensão do ser o falo é abordada originalmente pelo viés fático que a criança possa ter para a mãe. Essa posição original de todo sujeito, sua posição como falo que interessa ao Outro. Efetivamente, para que o sujeito possa advir, é preciso deslizar dessa posição para o de ter o falo, operação que Lacan situa como a metáfora paterna, ao indicar que o desejo da mulher se situa alhures em relação ao desejo da mãe, fazendo com que um filho não lhe seja suficiente. No entanto, aponta Lacan, a posição de ser o falo para o Outro pode ser frequentada pelo sujeito em jogo. Ele considera essa forma de se articular ao falo como feminina. É, portanto, a partir de ser ou não ser o falo que Lacan situará o feminino (CAMPISTA e CALDAS, 2013, p. 261).

Colette Soler relatou em seu livro “O que Lacan dizia das mulheres” (2005) o caminho que Lacan estava traçando. A teoria lacaniana, nessa época, foi intensamente criticada pelo movimento feminista francês, à semelhança do que aconteceu com Freud nos anos 1930. O falocentrismo freudiano ganhou uma nova forma com Lacan, embora ainda colocasse a mulher e a feminilidade em uma posição subordinada à lógica masculina. Carla Regina França faz uma contundente crítica a essa fase do lacanismo, dizendo que o psicanalista fez perdurar o estigma dado às mulheres por Freud, reorganizando uma teoria com novas bases, mas ignorando a contaminação do simbólico pelo imaginário e designando à feminilidade a incapacidade de pensar, transpondo às mulheres “a toesa² que valia para os homens” (2018, p. 61).

²Antiga medida francesa de comprimento equivalente a seis pés, ou seja, cerca de dois metros.

A questão da feminilidade na teoria de Lacan é geralmente apreendida em dois momentos do seu ensino: na década de 1950, como citado acima, e posteriormente em 1970, com a criação do aforismo “A mulher não existe”. No entanto, há um momento entre esses dois marcos que é válido destacar: quando Lacan teoriza sobre o semblante, fazendo uma formulação acerca das questões identitárias, ou seja, sobre o que pode ser um homem e uma mulher.

Portanto, devido à sua associação direta com esses outros campos severamente criticados, o registro do imaginário sofreu um rechaço imediato desde os princípios da formação da comunidade lacaniana – compondo a dupla Eu/Imaginário. Ao retornar o semblante, não procuramos propor um resgate de algumas premissas teórico-clínicas há muito criticadas, mas antes livrar o imaginário de certas pré-conceituações a ele arraigadas. Com isso, objetivamos traçar alguns momentos em que o imaginário é ressignificado, rearticulado ou mesmo conjugado aos outros registros, no intuito de construir sua pertinência e não tomá-lo como inconsistente de antemão (KRINSKI, MADEIRA e MOSCHEN, 2019, p. 806).

Em 1958, no “Seminário livro 5 - as formações do inconsciente”, Lacan comenta o artigo de Joan Riviere que apresenta a feminilidade como uma máscara, ou seja, “a feminilidade é um disfarce cuja dupla função é tanto encobrir a fantasia de posse do pênis tomado do pai como também proteger a mulher contra o perigo de retaliação, que poderia ser feita pelas figuras parentais em decorrência disso” (RIVIERE, 2005, p. 13). Ele reitera a posição de Riviere afirmando que, diante da *Penisneid* – a reivindicação do pênis –, a mulher utiliza do subterfúgio da mascarada feminina para evitar uma possível retaliação por parte dos homens. A mulher, inconscientemente, quer ter o pênis, porém se disfarça de não possuidora dele através de uma máscara de feminilidade, dando a entender que o poder masculino permanece em seu devido lugar. A mulher, nesse jogo enganoso, causa o desejo pelo que ela supõe ter, mas que não há.

Todavia, somente mais à frente Lacan irá formalizar o conceito de semblante, localizando-o ao lado da verdade que contém a dimensão, diz-mansão, a diz-mensão (homofonia com a palavra *dit-mansion*, em francês, que significa mansão do dito) da verdade sustentada do semblante.

De toda forma, homens e mulheres se colocam uns frente aos outros assumindo o lugar do semblante, mas desproporcionalmente: homens se restringem ao semblante e à problemática fálica; a mulher, além da sua própria falicidade, adota o semblante na medida em que suporta a verdade para um homem. Neste âmbito também o homem está para a mulher de uma maneira discrepante à qual a mulher está para o homem (COSSI, 2018, p. 262).

O semblante funcionaria como um parecer que não se opõe à verdade do sujeito, pelo contrário, ele teria a sua articulação direta com o significante que representa o sujeito, ou seja,

o semblante não seria puro imaginário, mas sim um emaranhado do simbólico com o imaginário.

Diante disso, podemos pensar a atualidade do conceito edipiano? Quando abordamos sobre a mulher e do feminino, podemos considerá-lo obsoleto, furado ou fantasioso, entendendo que Freud reproduziu a fantasia de feminilidade de sua época ou sua própria fantasia, como aponta Maria Rita Kehl. Na mesma via, Lacan também avançou em seu percurso ao inserir o simbólico em cena, entretanto, a mulher ainda estava atrelada à sua condição de signo de menor valor. Colette Soler sustenta que Lacan não se contrapõe completamente a Freud, aproximando-se e afastando-se dele em vários momentos. Léa Silveira indica que a psicanálise é uma possibilidade do feminino, o tornar-se mulher revela-se na teoria; não obstante, há uma ambiguidade no discurso, emancipando a mulher em alguns momentos e em outros consolidando sua condição de subalternidade. Ainda assim, o conceito de complexo de Édipo possibilita o entrelaçamento do singular, do individual e do social, viabilizando a passagem de um ser assujeitado a um ser social.

Esse conceito é indispensável para a psicanálise, pois trata-se de um organizador da vida psíquica na infância, como nos coloca Julia Kristeva. O desejo incestuoso pela mãe e o desejo assassino pelo pai são fenômenos primordiais do período sexual da primeira infância. Com o fracasso do Édipo é possível o acesso à função simbólica.

1. A MULHER E O FEMININO EM FREUD

A psicanálise freudiana introduziu uma teoria sobre a diferença sexual pautada no Complexo de Édipo. Freud se arriscou ao escrever acerca da sexualidade humana e suas peculiaridades, apresentando uma perspectiva que se afastava das teorias de sua época, a saber, as concepções biologizantes que tratavam a sexualidade humana como algo pronto e preestabelecido, determinado pelo corpo e suas distinções anatômicas. Segundo Monzani (2014, p. 32), Freud questionou a concepção da biologia e da psiquiatria do século XIX, e autores como “Buffon e Bichat, passando por Pinel, Esquirol, Morel, até Krafft-Ebing e H. Ellis” foram desmontados principalmente no primeiro dos três ensaios sobre a teoria da sexualidade.

A psicanálise foi ousada ao propor que a sexualidade era um tema para além da conceituação da diferença sexual puramente anatômica. Freud trouxe uma nova visão com relação à sexualidade humana por meio da teoria da pulsão e do mito edípiano, inaugurando uma forma de pensá-la que influenciaria várias ciências até os dias de hoje. A sexualidade não seria apenas uma herança genética que estaria ordenada pelo constructo anatômico, dada de saída no nascimento, mas se daria por um complexo trajeto que determinaria saídas possíveis, como a identidade sexual e a escolha de objeto. O posicionamento de Freud aponta para a necessidade de aprofundar a investigação dos fenômenos da sexualidade, conforme suas palavras:

Agora, senhoras e senhores, como vamos nos posicionar frente a essas modalidades incomuns de satisfação sexual? Com indignação, com a expressão de nossa relutância pessoal e com a garantia de que não compartilhamos dessas paixões, não chegaremos a lugar algum. Não é para isso que somos solicitados. Afinal, trata-se de um campo de fenômenos como qualquer um. Até mesmo uma recusa evasiva, de que seriam apenas raridades e curiosidades, seria fácil refutar. Ao contrário, trata-se de fenômenos frequentes e difundidos. Mas, se alguém nos dissesse que não temos de confundir nossas opiniões sobre a vida sexual, então teríamos uma séria resposta à disposição. Se não compreendermos essas figuras doentes da sexualidade e não as pusermos em contato com a vida sexual normal, então justamente também não entenderemos a sexualidade normal. (FREUD, 2018, p.192)

O autor ressalta a importância de abordar aspectos da sexualidade humana como fenômenos habituais que merecem apreciação justamente para sua melhor compreensão. Em relação à mulher, há nessa época uma prerrogativa de sua função social atrelada ao seu corpo que pode gerar filhos. O corpo da mulher estava submetido a dois ordenamentos sociais: ser a responsável pela geração de filhos e dar prazer ao homem. Foi nesse contexto que as ciências

médicas construía suas teorias que colocavam a mulher no lugar de fragilidade, instabilidade emocional e loucura, sintomas manifestados nos casos de histeria, que, no fim do século XIX, pululavam nos hospitais psiquiátricos. No livro “Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX”, Martins demonstra como essa diferença pautada na anatomia dos corpos ganhou também o campo político, dando uma assertiva científica à discriminação da mulher. “A partir de então, as ciências biológicas, encabeçadas pela anatomia e a fisiologia, lançaram-se na busca das diferenças sexuais que deviam fundamentar e justificar as desigualdades de gênero na vida pública e privada” (MARTINS, 2004, p. 31).

Essa questão sobre a mulher e a sociedade ao final do século XIX e início do XX é aludida por Freud em “Moral sexual cultural e a doença nervosa moderna” de 1908. O autor salienta o problema da repressão e suas consequências nas sociedades modernas e, pelo viés psicanalítico, sustenta que “cada indivíduo cedeu uma parte de seu patrimônio, de seu poderio absoluto, das inclinações agressivas ou vingativas de sua personalidade; dessas contribuições nasceu o patrimônio cultural comum de bens materiais e ideais” (2020, p. 72). Freud afirma que em relação à mulher essa repressão é ainda mais severa, chegando a manter a menina numa posição de ignorância não somente acerca dos temas sexuais, como também em relação pensar no geral. A mulher é educada para o casamento, família e maternidade, mas não para a vida sexual e intelectual, como ele mesmo coloca:

Com isso elas são dissuadidas do pensar em geral, e o saber é desvalorizado para elas. A proibição de pensar a esfera sexual, em parte em consequência de relações inevitáveis, em parte de maneira automática, bem semelhante à proibição religiosa de pensar, no caso dos homens, ou à lealdade, no caso de bons súditos. Não acredito que a oposição biológica entre trabalho intelectual e atividade sexual explique a “debilidade mental fisiológica” da mulher, como propôs Möbius em seu tão contestado escrito. Penso, ao contrário, que o fato indubitável da inferioridade intelectual de tantas mulheres deve ser remetido à inibição de pensar exigida pela repressão sexual (FREUD, 2020, p. 87).

A situação das mulheres de sua época não passava despercebida a Freud, ao ponto de seu trabalho de escuta com mulheres diagnosticadas histéricas ser fundamental para o início da psicanálise, como constata Colette Soler: “Freud não teria inventado a psicanálise sem a amável colaboração das histéricas” (2005, p. 90), ou seja, não estamos afirmando que a psicanálise foi criada por conta das histéricas, mas sim com sua colaboração e que foi escutada por Freud. Na amnésia de suas pacientes ele identificou o ponto que mais tarde desencadearia a formalização do conceito de inconsciente, ou seja, um método de investigação dos processos que não estavam conscientes. Freud passou método hipnótico para o método catártico, entretanto, posteriormente, decide-se pela associação livre; com este

método passou à análise dos sonhos, à interpretação e à construção do conceito de transferência.

O encontro de Freud com as mulheres histéricas do final do século XIX foi fundamental para a elaboração da teoria psicanalítica. O sofrimento das mulheres dessa época estava relacionado à condição imposta de ficarem restritas ao ambiente doméstico, ao casamento e à maternidade. Os espaços públicos eram destinados aos homens, e, às mulheres, por sua ligação com a reprodução da espécie, cabia zelar pelos cuidados dos filhos e da família.

A psicanálise estava abrindo um novo caminho que colocaria a sexualidade humana em outro patamar, com efeito, a sintomatologia da histeria seria o primeiro passo para a percepção de um sofrimento que era mental, ou seja, eram palavras ocultadas e reprimidas que se transformavam em manifestações corporais como uma saída para o sistema psíquico. Freud relata, nos “Estudos sobre a Histeria”, suas descobertas que mais tarde dariam origem à psicanálise:

Dizer as coisas é um alívio; descarrega a tensão, mesmo quando a pessoa a quem elas são ditas não é um padre e mesmo quando não se procura qualquer absolvição. Quando se nega essa saída à excitação, ela às vezes se converte num fenômeno somático, tal como acontece com a excitação pertinente aos afetos traumáticos (FREUD, 1996, p. 231).

Desse modo, do encontro de Freud com suas pacientes – mulheres histéricas –, resultou a psicanálise. Ele, então, estava às voltas com a concepção de uma teoria sobre a sexualidade humana e também acerca do inconsciente. Naquele primeiro momento, Freud estava investigando a etiologia da histeria, a qual, naquela época, estava atrelada unicamente à mulher, porém ele não estava convencido disso. Apesar da dificuldade em encontrar casos de histeria masculina, ele escreve um artigo em 1886 sobre um caso de histeria em um homem: “Observações de um caso grave de hemianestesia em um homem”.

Antes de começar minha demonstração, quero apenas observar que estou longe de pensar que o que lhes estou mostrando é um caso raro ou peculiar. Pelo contrário, considero-o um caso muito comum, de ocorrência frequente, embora muito amiúde possa passar despercebido (FREUD, 1996, p. 61).

A psicanálise estava aventando a possibilidade de que a histeria não se tratava de uma doença que acometia unicamente as mulheres. No caso da histeria, há uma identificação com o desejo, impedindo a identificação com o objeto de gozo. Não aprofundaremos a questão da

histeria, mas sim a questão da mulher e do feminino, contudo, é importante apontar essa diferença, já percebida por Freud.

Daí a ideia, sempre confirmada, de que, na relação com o parceiro, o sujeito histérico conduz uma estratégia de subtração. “Esquiva”, diz Lacan, ali onde Freud já trouxera à luz o duplo movimento de sedução e recusa, a mão que levanta a saia e a outra que a abaixa. A Bela Açogueira o mostra de forma charmosa e inofensiva: não se recusa ao gozo do marido e não sabemos exatamente que gozo extrai disso, mas sabemos que a única coisa que lhe interessa, de fato, é aquilo que não é satisfeito no marido, e, se ela se identifica com a amiga, é para tentar, pelo menos imaginariamente, deixar insatisfeita a satisfação do marido. Mas não há nisso nenhuma maldade: apenas o voto de se fazer ser o que falta ao Outro (SOLER, 2005, p. 52).

Colette Soler propõe ainda que a histeria se presta à confusão com a posição feminina porque é mais frequente em mulheres, mas sua diferença está em fazer de si uma causa de saber. Na histeria há uma identificação com o homem no que concerne seu ter fálico ou suas faltas, ou seja, “consiste no identificar-se com o homem como aquele que não é pleno, que também está insatisfeito, e cujo gozo é castrado” (2005, p. 55).

A psicanálise freudiana engendra uma potente teoria acerca da sexualidade humana, afastando-se do constructo unicamente biológico, como veremos a seguir com o conceito de pulsão. Todavia, evidencia-se, ao longo desta dissertação, que a questão da mulher e sua ascensão à feminilidade é um tema caro a Freud que receberá muitas críticas, principalmente onde sua teoria está sustentada pelo falocentrismo³, o ter ou não ter o pênis, partindo do corpo anatômico como premissa. Os Complexos de Castração e de Édipo, pilares na trajetória da ascensão à genitalidade e na escolha de objeto, terão caminhos diferentes para homens e mulheres, algo que aponta, ao mesmo tempo, a potência da teoria e suas limitações. Em se tratando da mulher e do feminino, estamos destacando a contradição da teoria sexual freudiana, que, mesmo dispondo de um aparato conceitual vigoroso, poderia ter ido mais longe.

³Emily Zakin (2011), no artigo publicado na Enciclopédia Psicanalítica, escreve que, mesmo no círculo de Freud, muitos psicanalistas discordavam de suas ideias no que tange à sexualidade da mulher, os papéis da castração e da inveja do pênis. Psicanalistas como Karl Abraham, Ernest Jones, Helene Deutsch e Karen Horney contrapunham-se aos efeitos ostensivos da inveja do pênis e dos supostos sentimentos de inferioridade das mulheres. Posteriormente, a filósofa Simone de Beauvoir realizou uma crítica à psicanálise em um capítulo de seu famoso livro “O Segundo Sexo”, denunciando a ideia de Freud de que existiria apenas uma libido masculina, além de apontar que o psicanalista não considerava as origens sociais do poder e o privilégio masculino e paterno, julgando sua teoria inadequada para explicar a alteridade da mulher. Zakin aponta que, para Beauvoir, a inveja que a mulher sentia estava relacionada ao poder social e ao privilégio de que homens desfrutavam, e não à anatomia masculina.

Nas páginas seguintes, seguiremos o pensamento freudiano, orientando-nos cronologicamente em sua escrita, que parte da teoria da pulsão em direção ao conceito de Complexo de Édipo.

1.1 A SEXUALIDADE (A) NATURAL

Associando a etiologia da histeria à repressão da sexualidade, Freud inaugura uma forma de pensar a sexualidade humana, desatrelando-a do campo unicamente biológico e construindo uma sexualidade que tem consequências psíquicas. Em 1905⁴, Freud escreve os “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, que demonstram a quebra de paradigma citada acima, no texto, argumenta-se que a sexualidade humana “[...] não é algo dado, pronto e acabado que o sujeito humano traz desde o início e que o *habitará*, latente, até que na época apropriada (a puberdade), irrompa com suas características marcantes” (MONZANI, 2014, p. 33, grifo do autor).

Freud (2016, p. 21) aponta o que será sua construção teórica:

A opinião popular tem ideias bastante definidas sobre a natureza e as características desse instinto sexual. Ele estaria ausente na infância, apareceria na época da puberdade, ligado ao processo de maturação desta, e se revelaria nas manifestações da irresistível atração que um sexo exerce sobre o outro; e sua meta seria a união sexual, ou, pelo menos, as ações que se acham no caminho para ela.

Mas temos motivos para ver nessas informações um quadro infiel da realidade; a um exame mais atento, elas se mostram plenas de erros, imprecisões e conclusões precipitadas.

A sexualidade humana não almeja unicamente o encontro entre homem e mulher com fins de reprodução, pois, como funciona levando em conta o conceito de pulsão, está sujeita a

⁴Esse texto de Freud foi o que mais recebeu alterações ao longo do tempo, seja em acréscimos feitos através de notas de rodapé ou no próprio texto. O texto foi escrito originalmente em 1905, mas foi revisado pelo autor em 1910, 1915, 1920 e 1924. As interpretações de estudiosos da psicanálise versam sobre a gradativa mudança do texto, e, com isso, a perda da “riqueza interpretativa observada na primeira versão, bem como do aspecto aberrante da sexualidade, passando a apresentá-la de acordo com uma única e mesma orientação de natureza endógena e biologizante” (AMARAL, 1995, p. 64). O texto original já apresenta essas nuances entre os três ensaios, onde o primeiro e o segundo demonstram a versão mais perversa da sexualidade, cujo alvo seria a obtenção de prazer. Já no terceiro ensaio, Freud acentua “uma espécie de teleologia extrínseca a ela mesma, em que o prazer se vê substituído pelo fim reprodutivo” (AMARAL, 1995, p. 65). Para a escrita deste trabalho, utilizamos a versão final do texto freudiano, com seus acréscimos e modificações, presente na tradução do original alemão realizada por Paulo César de Souza nas Obras Completas volume 6, publicada pela editora Companhia das Letras em 2016.

outras influências que transgridem sua trajetória, tanto no que diz respeito ao objeto escolhido, quanto ao objetivo a ser alcançado. Por exemplo, para a criança, a libido será inicialmente uma pulsão autoerótica, isso significa que o objeto sexual, nesse primeiro momento, não possuirá grande relevância.

A pulsão é um conceito fundamental na obra freudiana e é citada pela primeira vez nos ensaios de 1905 como a “delimitação entre o anímico e o físico” (p. 159). Fonseca ratifica a importância dessa concepção, pois “[o conceito] formula um modelo de funcionamento psíquico, e, além disso, pretende também estabelecer as bases fisiológicas do psiquismo, situando os fatores biológicos de nosso comportamento” (2009, p. 17). Com efeito, essa noção seria um termo intermediário para satisfazer a psicanálise e as “definições puramente biológicas” (2009, p. 17). A pulsão se satisfaz inicialmente associada a uma necessidade alimentar do bebê, ou seja, no ato de mamar, a pulsão se satisfaz na zona erógena oral e só mais tarde dissocia-se dessa necessidade, então, “a pretexto de sentir fome, o bebê deseja” (FONSECA, 2009, p. 19). Segundo Zakin (2011), a pulsão não tem um objetivo predeterminado e não segue um caminho biológico preestabelecido; ela pode se ligar a qualquer objeto ou objetivo, e pode ser sentida em qualquer número de locais corporais.

A sexualidade é inicialmente autoerótica, quando a pulsão se satisfaz parcialmente através das zonas erógenas oral e, posteriormente, anal. E seu desfecho se dá quando, na vida sexual do adulto, “a obtenção de prazer ficou a serviço da função reprodutiva e os instintos parciais, sob o primado de uma única zona erógena, formaram uma organização sólida para alcançar a meta sexual num objeto sexual externo (FREUD, 2016, p 107).

Aproximadamente entre os três e cinco anos de idade, a sexualidade da criança já toma outras proporções, o interesse pela diferença sexual se inicia, e a criança tem como universal a existência do pênis. “A suposição de que há o mesmo genital (masculino) em todas as pessoas é a primeira das teorias sexuais infantis singulares e prenes de consequência” (FREUD, 2016, p, 104). Freud constata que o clitóris funciona como um substituto do pênis, quando visto pelos meninos; já a menina logo reconhece o pênis como diferente, “ela se dispõe imediatamente a reconhecê-lo e é vencida pela inveja do pênis, que culmina no desejo, importante em suas consequências, de ser também um garoto (FREUD, 2016, p. 105).

As crianças criam teorias sobre o nascimento dos bebês, percebem as transformações corporais causadas pela gravidez e desconfiam das fábulas que lhes contam. Mas existem dois

elementos que são ignorados pelas crianças em suas investigações: o papel do sêmen fecundante e o orifício sexual feminino. Desse modo, até essa etapa da sexualidade infantil, o pênis e o clitóris são reconhecidos como análogos, e a vagina é ignorada.

Freud está construindo sua teoria edipiana, que tem, nessa primeira configuração, o pênis como o órgão norteador, ou seja, é em torno dele que se dará toda a trama da construção da sexualidade nos meninos e meninas. O órgão sexual da mulher, tomado como um todo, é desconsiderado. Consequentemente, a vagina é completamente ignorada, tanto pelos meninos como pelas meninas, pois o clitóris é tomado como um equivalente ao pênis.

A puberdade traz mudanças que irão esculpir a forma definitiva da sexualidade de homens e mulheres. Nesse período, a pulsão deixa de ser autoerótica e passa a buscar um objeto sexual. Freud descreve deste modo esse importante momento da vida sexual:

O instinto sexual, que era predominantemente autoerótico, encontra agora um objeto sexual. Ele operava a partir de diferentes instintos e zonas erógenas, que buscavam, cada qual de forma independente, determinado prazer como única meta sexual. Agora ele recebe uma nova meta sexual e todos os instintos parciais cooperam para alcançá-la, enquanto as zonas erógenas se subordinam ao primado da zona genital (FREUD, 2016, p. 121).

Para Freud, é na adolescência que as diferenças irão se concretizar na sexualidade de homens e mulheres; para estas, as inibições em relação ao sexual acontecem mais cedo, e há uma tendência maior ao recalçamento e à passividade. A menina tem, na sua fase autoerótica, o mesmo funcionamento do menino, a premissa é de que a sexualidade em ambos tem caráter inteiramente masculino, pois “a libido é, por necessidade e por regra, de natureza masculina” (FREUD, 2016, p. 139). Assim, num primeiro momento, a menina tem o clitóris como zona erógena dominante. Posteriormente, ele será abandonado, mediante o recalçamento, de modo que a vagina, após certo intervalo, assumo o seu papel principal. Nesse sentido, ao abordar a mudança de primazia do clitóris para a vagina, Freud observa que:

Se a transferência da excitabilidade erógena do clitóris para a vagina foi realizada com êxito, isso significa que a mulher mudou a zona diretriz de sua atividade sexual futura, enquanto o homem manteve a sua desde a infância. Nessa mudança das zonas erógenas diretrizes e na onda de repressão da puberdade, que, por assim dizer, descarta a masculinidade infantil, acham-se as condições principais para a maior propensão das mulheres à neurose, em especial à histeria. Portanto, essas condições se ligam intimamente à natureza da feminilidade (FREUD, 2016, p. 142).

Em síntese, nesse momento da teoria freudiana, principalmente norteador pelo importante texto “Três ensaios”, estamos seguindo o caminho trilhado pelo autor na construção de sua teoria sobre a diferença sexual. A pulsão é o limite entre o físico e o

psíquico e é inicialmente autoerótica, ou seja, encontra satisfação através das zonas erógenas parciais: boca e ânus. Mais tarde, a pulsão deixará de ser somente autoerótica e buscará satisfação para além do próprio corpo. Nessa etapa, os corpos de meninos e meninas são equivalentes, o pênis e o clitóris são análogos e a vagina é completamente negada.

1.2 O PÊNIS REAL: O FALOCENTRISMO FREUDIANO

Freud estava construindo uma teoria da diferença sexual, uma tese para explicar como se constitui o ser homem e o ser mulher. Sua teoria situa a sexualidade humana para além do funcionamento biológico, insuficiente para elucidar a constituição do psiquismo humano. Portanto, não há hereditariedade ou natureza prévia da sexualidade do homem ou da mulher, mas há um corpo que se determina como macho ou fêmea no nascimento. Esse ponto Freud tomou como fundamento, ou seja, como suporte ao psicológico estaria a constituição anatômica binária, a divisão entre meninos e meninas. A diferença anatômica dos sexos seria o ponto inicial a partir do qual Freud construiria sua teoria sexual. A anatomia, macho ou fêmea, teria consequências psíquicas nos meninos e nas meninas.

A criança parte da noção de que o órgão sexual masculino é universal, conseqüentemente, meninos e meninas supõem ter um pênis. Posteriormente, com a constatação da ausência de pênis nas meninas, os meninos “caem sob o domínio do complexo de castração, cuja configuração tem grande influência na formação do caráter, caso permaneça sadio, na neurose, se adoecerem” (FREUD, 2018, p. 204). O autor afirma que meninas são acometidas por uma inveja aos meninos “por essa posse e que, basicamente por esse motivo, desenvolvem o desejo de ser um homem, desejo que vai ser novamente retomado mais tarde na neurose, que irrompe por causa do fracasso no seu papel feminino” (FREUD, 2018, p. 204). Freud pondera que o clitóris na menina é o equivalente ao pênis no menino nessa fase do desenvolvimento sexual, sendo responsável pela satisfação autoerótica, e “para o tornar-se mulher da menininha importa muito que o clitóris ceda essa sensibilidade, a tempo e completamente, ao orifício vaginal” (FREUD, 2018, p. 205).

Em 1916, no texto “Desenvolvimento da libido e as organizações sexuais”, Freud conceitua o complexo de Édipo. A pulsão inicialmente autoerótica é substituída por um objeto unificado, a mãe.

Por volta da época em que a mãe se torna objeto amoroso, também já se iniciou na criança o trabalho psíquico do recalçamento, que subtrai de seu saber o conhecimento de uma parte de suas metas sexuais. A essa escolha da mãe como objeto amoroso vincula-se agora tudo o que adquiriu tão grande importância no esclarecimento psicanalítico das neuroses, sob o nome de “complexo de Édipo” (FREUD, 2018, p. 223).

No complexo de Édipo, que acontece antes do período de latência, o menino quer a mãe só para si e tem, na presença do pai, um interditor desse desejo. Esse arranjo se sustentará, para Freud, em relação aos meninos, já a relação das meninas com o par parental sofrerá modificações ao longo da construção da teoria, o que dá indícios de como abordar a sexualidade da mulher foi arrevesado.

A mãe se ocupa de todas as necessidades da criança, e por isso a criança tem interesse em que ela não cuide de nenhuma outra pessoa. Isso também está correto, mas logo ficará claro que tanto nessa como em outras situações o interesse egoísta só oferece o apoio ao qual se vincular o anseio erótico. Se o menino mostra a mais franca curiosidade sexual por sua mãe, se exige dormir com ela de noite, se pressiona para estar presente quando ela faz sua toailete, ou mesmo se tenta seduzi-la, como a mãe tantas vezes o comprova e relata sorrindo, então a natureza erótica da ligação com a mãe está, indubitavelmente, comprovada (FREUD, 2018, p. 227).

Mais à frente, ainda no mesmo texto, Freud retoma a descrição da relação do filho com a mãe e o pai, e argumenta que, no caso da filha menina, a situação se configuraria de maneira parecida, porém requerendo algumas modificações. A menina teria uma ligação carinhosa com o pai e necessidade de eliminar a mãe para assumir seu lugar, contudo, o afeto envolvido não seria a rivalidade e a ambivalência que acometem os meninos, mas, sim, a sedução e a graciosidade que mascaram a agressividade e a força dessa situação infantil.

Assim, a primeira escolha de objeto é incestuosa e, se não for corretamente recalçada, pode retornar em sintomas neuróticos. Por tal motivo Freud situa o complexo de Édipo como o núcleo das neuroses.

Em 1923, Freud escreve um trabalho importante para a discussão acerca da sexualidade chamado “Organização genital infantil”, no qual ele argumenta que, na organização genital infantil, o principal seria que, para ambos os sexos, apenas o genital masculino possui um papel definido.

A aproximação da vida sexual infantil à do adulto vai muito além e não tem a ver apenas com o surgimento de uma escolha de objeto. Mesmo não ocorrendo uma unificação adequada das pulsões parciais sob o primado dos genitais, no auge do curso do desenvolvimento da sexualidade infantil, o interesse pelos genitais e a atividade genital ganham uma importância dominante, que fica pouco atrás daquela alcançada na maturidade. A principal característica dessa “organização genital infantil” é, ao mesmo tempo, sua diferença da organização genital definitiva do adulto. Ela reside no fato de que, para ambos os sexos, apenas um genital, o

masculino, possui um papel. Portanto, não um primado genital, mas um primado do falo [Phallus] (FREUD, 2018, p. 239).

Num primeiro momento, o menino percebe a diferença entre homens e mulheres, mas não relaciona isso com os genitais, supondo um genital semelhante ao seu em todos os outros seres vivos, posteriormente, “a criança chega à descoberta de que o pênis não é um bem comum a todos os seres a ela semelhantes” (FREUD, 2018, p. 240). O menino supõe, então, que a ausência do pênis nas meninas é consequência de uma remoção, uma castração, e isso terá consequências para o seu desenvolvimento ulterior.

Freud revela que não há como confirmar essa construção nas meninas, mas sustenta que a disposição para a homossexualidade na mulher deriva desse horror diante da falta do pênis. O menino ainda manteria sua mãe como detentora de um pênis e acreditaria que “teriam perdido o genital apenas as pessoas indignas do sexo feminino, que provavelmente se tornaram culpadas como ela pelas mesmas moções proibidas. Porém, pessoas respeitáveis como a sua mãe conservariam o pênis por mais tempo” (FREUD, 2018, p. 241).

Nessa primeira fase da organização genital haveria duas antíteses que presumem sujeito e objeto, primeiramente, o par de opostos ativo e passivo, e, posteriormente, a dicotomia entre masculino e castrado. Somente na puberdade entraria em cena a oposição entre o masculino e o feminino. Nessa etapa pré-genital, o feminino estaria excluído, pois há a primazia do falo. Assim, Freud fundamenta a construção da sexualidade humana em opostos, ativo ou passivo e não castrado ou castrado, nos quais o reconhecimento do genital feminino é deixado de fora.

Uma primeira antítese é introduzida com a escolha de objeto, que pressupõe sujeito e objeto. Na fase da organização pré-genital sádico-anal, ainda não cabe falar de masculino e feminino; a oposição entre ativo e passivo é dominante. Na fase seguinte da organização genital infantil há, na verdade, um masculino, mas nenhum feminino; a antítese aqui é entre genital masculino ou castrado. Só com o término do desenvolvimento, na época da puberdade, é que a polaridade sexual coincide com o masculino e feminino. O masculino reúne o sujeito, a atividade e a posse do pênis; o feminino estende-se ao objeto e à passividade (FREUD, 2018, p. 242).

No texto “O declínio do Complexo de Édipo”, de 1924, Freud introduz à sua teoria do desenvolvimento sexual a fase fálica, que é simultânea à do complexo de Édipo, ou seja, nessa fase a criança tem o genital masculino como protagonista, sendo o genital feminino ainda desconhecido. A fase fálica é então acrescentada à teoria da sexualidade como mais uma fase da organização pré-genital na criança, e nela irá se instaurar o complexo de Castração. A criança já teria passado por perdas significativas, como a perda do seio materno,

porém, nada será comparado à ameaça de castração. O menino irá se confrontar com o órgão genital da menina e concluirá que a perda do pênis é iminente, portanto, declinará do complexo de Édipo em favor da manutenção de seu pênis.

O complexo de Castração também atua como organizador, quando, com a reedição do Édipo na puberdade, traz consequências pra a vida sexual do adulto. “Essa fase fálica, simultânea à do complexo de Édipo, não continua se desenvolvendo até a organização genital definitiva, mas submerge [*versinkt*] e é dissolvida [*abgelöst*] pelo período de latência” (FREUD, 2018, p. 248).

Ainda não houve ocasião para duvidar do pênis na mulher. A aceitação da possibilidade de castração, a compreensão de que a mulher é castrada poria fim às duas possibilidades de satisfação a partir do complexo de Édipo. Ambas trariam consigo a perda do pênis, a masculina como efeito da punição e a feminina como pré-condição. Se a satisfação amorosa, no terreno do complexo de Édipo, deve custar o pênis, então vai haver um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Nesse conflito vence normalmente a primeira força; o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo (FREUD, 2018, p. 250).

Com o declínio do Édipo, os objetos de amor são abandonados e passam a ser objetos identificatórios. A autoridade parental é introduzida no Eu, formando o núcleo do Supereu, que tem como função assegurar a proibição do incesto e o reinvestimento libidinal em outros objetos amorosos para além do casal parental. O complexo de Édipo sucumbe à ameaça de castração.

Os investimentos de objeto são abandonados e substituídos por identificação. A autoridade parental ou paterna introduzida no Eu forma o núcleo do Supereu, que toma emprestado do pai sua severidade, perpetua a sua proibição do incesto e assim assegura o Eu contra o retorno dos investimentos libidinais de objeto. Os anseios libidinais pertencentes ao complexo de Édipo serão em parte dessexualizados e sublimados, o que provavelmente ocorre em cada transformação em identificação, e em parte inibidos quanto às metas [*zielgehmmt*] e transformados em moções de ternura. O processo salvou, por um lado, o genital, afastou dele o perigo de sua perda, e, por outro lado, paralisou-o, suspendeu sua função. Com ele se inicia o período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança (FREUD, 2018, p. 251).

Com essa diferenciação entre a fase pré-genital em meninos e meninas, Freud se pergunta como isso se dá na menina. E afirma, logo em seguida, que o material é obscuro e lacunar, já apontando o problema que terá à sua frente. A menina também desenvolve a organização fálica e o complexo de castração, mas de forma diferente do menino. A menina inicialmente se acha detentora de um pênis como o menino, onde o clitóris é o sucedâneo e funciona da mesma maneira, porém, a menina perceberá a diferença e tomará isso como um sinal de inferioridade. Esse ponto do desenvolvimento sexual da menina é fundamental, pois

ela, tomada por esse sentimento de inferioridade, pode ficar fixada no complexo de masculinidade – a inveja do pênis (*penisneid*) –, ou seja, querer ter um pênis sem ceder dessa posição, o que a impediria de ascender à feminilidade. Para Freud, a menina aceita a castração como um fato consumado, enquanto o menino, tomado pela angústia de castração, abdica do seu amor edipiano.

A menina, portanto, teria o Supereu formado não pela angústia de castração, como no menino, mas por um resultado que viria da educação, da intimidação do mundo externo e por medo de perder o amor. Por conseguinte, a menina aceitaria a sua inferioridade, pois teria como recompensa um filho do pai. Para Freud,

O complexo de Édipo da menina é muito mais inequívoco do que o do pequeno portador de pênis; de acordo com a minha experiência, só raramente ele vai além da substituição da mãe e da posição feminina em relação ao pai. A renúncia ao pênis não é tolerada sem uma tentativa de compensação. Ela desliza – poderíamos dizer: ao longo de uma equação simbólica – do pênis para o bebê; seu complexo de Édipo culmina no desejo, mantido por muito tempo, de receber um filho do pai como presente, de lhe dar um filho” (2018, p. 253).

Em 1925, no texto “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, Freud reafirma que o complexo de Édipo no menino é mais fácil de compreender, pois a criança se apega ao mesmo objeto de amor desde o princípio. O Édipo no menino declina com a fase fálica, que é instaurada pela angústia de castração. O interesse narcísico pelo seu pênis irá prevalecer e ele terá duas saídas para o recalamento edipiano: a identificação ao pai e, portanto, uma posição ativa; ou uma identificação à mãe e uma posição passiva (feminina).

A menina novamente trará complicações teóricas para Freud, pois, se a mãe seria o primeiro objeto de amor para ambos, meninos e meninas, como a menina chegaria a tomar o pai como objeto? Ele conclui, então, que o complexo de Édipo na menina teria uma longa pré-história e uma formação secundária. A menina reconhece a diferença sexual precocemente, e, tomada pela inveja do pênis, poderá decidir por três saídas. Na primeira, a menina recusa [*Verleugnung*] a castração e “reforça a convicção de que, sim, possui um pênis, e é obrigada a conduzir-se na sequência como se fosse um homem” (2018, p. 265), o complexo de masculinidade. A segunda saída seria um sentimento de inferioridade e de menosprezo do homem. E a terceira seria o afastamento da posição masculina, com a eliminação da sexualidade clitoridiana, abrindo espaço para a feminilidade. A menina é forçada então a afastar-se de sua masculinidade:

Não é preciso procurar esse fator muito longe; a ofensa narcísica ligada à inveja do pênis poderia ser a advertência de que nesse ponto ela não pode, de fato, competir

com o menino e que seria melhor abandonar a concorrência com ele. Dessa maneira, o conhecimento da diferença anatômica entre os sexos força a menininha a afastar-se da masculinidade e do onanismo masculino por novas vias, que levam ao desdobramento da feminilidade (FREUD, 2018, p.268).

A menina substitui o desejo de ter um pênis pelo desejo de ter um bebê e, assim, toma o pai como objeto de amor, tornando-se uma pequena mulher. Agora o pai é investido de libido e a mãe torna-se sua rival, um objeto investido de ciúmes. Se, por acaso, esse investimento no pai for mal sucedido, a menina pode retornar ao complexo de masculinidade.

Enquanto o complexo de Édipo do menino cai por terra através do complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração. Essa contradição contém seu próprio esclarecimento, se considerarmos que o complexo de castração sempre opera no sentido de seu conteúdo, inibindo e limitando a masculinidade e promovendo a feminilidade em cada caso. A diferença nessa parte do desenvolvimento sexual no homem e na mulher é uma consequência compreensível da diferenciação anatômica entre os genitais e da situação psíquica a ela ligada; ela corresponde à distinção entre castração consumada e mera ameaça de castração (FREUD, 2018, p. 269).

Freud então particulariza o complexo de castração, que até o momento era mantido igual para ambos, entretanto, a questão da inclusão do pai como objeto de amor da menina e o abandono da mãe forçam-no a uma nova reformulação. Ele renovará o declínio edípiano na menina, mantendo sua formulação para os meninos. O Édipo no menino é “despedaçado formalmente sob o impacto da ameaça de castração. Seus investimentos libidinais são abandonados, dessexualizados e em parte sublimados; seus objetos são incorporados ao Eu, onde formam o núcleo do Supereu” (2018, p. 270). Na menina não há um motivo para a destruição do Édipo, ou seja, “ele pode ser abandonado lentamente, ser resolvido por recalçamento e deslocar seus efeitos amplamente na vida anímica normal da mulher” (2018, p. 270). O Supereu na mulher não se torna tão implacável como nos homens, e ela “mostra menos senso de justiça que o homem, menor inclinação para se submeter às grandes necessidades da vida, que, com maior frequência, deixa-se guiar em suas decisões por sentimentos ternos e hostis” (2018, p. 271).

Na construção de sua teoria sobre a sexualidade, é possível observar o trajeto feito por Freud e sua dificuldade acerca da questão feminina, dado que ele não chega a uma conclusão que o deixasse satisfeito. Ele nomeia, então, a mulher como um “*darkcontinent*”⁵, que seria a

⁵ Essa expressão é citada por Freud em seu texto de 1926 “A questão da análise leiga” onde ele faz um diálogo com um indivíduo imparcial acerca do que se trata a psicanálise, discorrendo vários pontos fundamentais da teoria. Então ao esboçar sobre as descobertas acerca da sexualidade infantil ele pontua que “Sabemos menos sobre a vida sexual da menina pequena do que sobre o menino. Não precisamos nos envergonhar por essa diferença; afinal, também a vida sexual da mulher adulta é um *dark continent* [continente escuro] para

conclusão depreendida de seus textos, ilustrando a dificuldade em determinar a sexualidade da mulher.

Há dois pontos fundamentais antes de adentrarmos nos textos específicos que Freud escreve sobre a mulher e o feminino. Inicialmente, ele parte do conceito de bissexualidade para todos os seres humanos; posteriormente, ele coloca o pênis como o órgão reconhecido por meninos e meninas na fase pré-genital, fazendo uma equivalência entre pênis e clitóris. Nessa fase não há um reconhecimento do que é ser homem ou mulher, mas, sim, uma atuação ativa e passiva, em que Freud atribui a atividade à masculinidade e a passividade à feminilidade. Nessa fase pré-genital, a menina seria como um ativo menino, e usaria o clitóris de forma equivalente ao pênis. O binarismo promoveria a saída heterossexual ou homossexual para ambos os sexos, mas a menina, para ascender à feminilidade, teria que abandonar a atividade clitoridiana e promover o reconhecimento da vagina, até então desconhecida. Freud encontrou uma solução para manter a castração como algo crucial no psiquismo, uma vez que a menina não poderia sofrer por ter perdido algo que nunca teve, por isso, o pênis como análogo ao clitóris foi a melhor saída.

O segundo ponto se refere ao que Freud inicialmente considerou como um primado do genital, e que só posteriormente constituiu o primado do falo [*Phallus*]. Freud não deixa de apontar a visão do pênis como a comprovação da posição de castrado e não castrado, à qual menina e menino serão submetidos no desenvolvimento sexual. Esse ponto de conceituação de um primado fálico, do *phallus*, será retomado por Lacan em seu retorno a Freud. Lacan irá se afastar da ideia imaginária de falo como pênis e irá construir sua teoria sobre o falo como representante simbólico universal. Esse ponto de virada dado por Lacan é fundamental para introduzir um novo ordenamento ao que Freud não deixou óbvio, mas que estava embrionariamente em sua teoria.

O falo sai do campo puramente imaginário, ligado ao pênis como órgão, e passa a ter a função de significante, passa a ser um ordenador simbólico ao qual todo ser de linguagem está referido. Esse novo olhar simbólico sobre o falo repercute no complexo de castração, logo, a anatomia não seria mais a marca da falta, mas uma falta simbólica que contempla todo ser falante, o que reforça o lugar de importância que o complexo de castração tem na constituição

psicologia”. Apesar de ainda não ter escrito seus dois textos finais sobre a mulher que são “Sobre a sexualidade feminina” (1931) e “A feminilidade”, sua questão sobre a sexualidade da mulher permanecerá nesse contexto de enigma.

do psiquismo humano. A novidade presente na interpretação de Lacan é que há um dizer anterior a qualquer experiência de sexo no ser falante, um dizer a priori, e mais tarde um dizer a posteriori, que dependerá dos discursos e que formará uma fantasia acerca da sexualidade apoiada no semblante de ser um homem ou ser uma mulher. O que antes era um ter ou não ter o pênis passa agora a uma nova configuração: ter ou ser o falo como significante do desejo.

Colette Soler explicita bem essa questão:

O passo seguinte é explicar como, na teoria analítica, o pênis passa de órgão anatômico a significante. Chamamos significantização da anatomia o fato de que o órgão pênis funciona como um significante. Desde que Freud colocou a questão de que a libido é masculina e que seu referente é o pênis, não houve outra saída senão tentar metaforizar a presença desse órgão que ele diz, repito, que causa angústia no menino e inveja na menina. A tentativa de Lacan foi a de transformar o pênis em um significante (SOLER, 2020, pg. 14).

A questão da mulher e seu percurso para a ascensão à feminilidade em Freud e em Lacan seguem uma distinção. Freud propõe uma saída relacionada à maternidade: se a mulher precisa se haver com a castração imposta ao seu corpo, ela pode se arranjar com uma saída edipiana ao ter o falo sendo mãe. Já em Lacan há um distanciamento da relação com a castração no corpo, pois a castração é para ambos os sexos anatômicos, porém, a mulher alcançaria a feminilidade na posição de ser o falo para um homem, isto é, ser o objeto de desejo de um homem.

1.3 DA INVEJA À MATERNIDADE: SAÍDAS POSSÍVEIS PARA A MULHER FREUDIANA

No texto “Sobre a sexualidade feminina” (2018), Freud aborda duas questões que ficaram obscuras em seus textos anteriores: a questão de a mulher mudar sua zona erógena mais importante – do clitóris para a vagina –, e o deslocamento do investimento libidinal da mãe para o pai. A ligação com a mãe seria então nomeada por Freud de pré-edipiana e teria uma importante função, mesmo que até o momento isso não tenha sido discutido em sua obra. Essa fase, pré-edípica, é apontada como o fundamento em relação com a neurose ou a feminilidade na menina, e a “dependência da mãe é o gérmen da futura paranoia na mulher” (p. 288).

Ainda nesse texto, Freud também coloca que a teoria da bissexualidade é mais facilmente observável na mulher, pois sua sexualidade se divide em duas fases, sendo a primeira masculina e somente a segunda feminina. A primeira fase masculina tem o clitóris investido de libido, e esse investimento pode se prolongar pela fase adulta. A mãe é também o primeiro objeto de amor da menina, porém o pai deverá, ao final do Édipo, ser eleito como esse objeto privilegiado. Essa mudança de objeto tem alguns caminhos possíveis. “Nosso interesse precisa se voltar aos mecanismos que se tornaram eficazes no afastamento em relação à mãe como objeto amado tão intensa e exclusivamente” (FREUD, 2018, p. 293).

A primeira hipótese levantada é que o amor das crianças exige exclusividade e é incapaz de uma satisfação plena, portanto, “está condenado a terminar em decepção e dar lugar a uma posição hostil” (FREUD, 2018, p. 293). Outra possibilidade seria a menina descobrir sua inferioridade orgânica, a ausência de um pênis, o que se daria pela observação do órgão de algum irmão ou menino à sua volta.

Quando a menininha, à visão de um genital masculino, percebe seu próprio defeito, não aceita o indesejável ensinamento sem hesitação e relutância. Como já dissemos, obstina-se na expectativa de alguma vez também possuir um genital como esse, e o desejo de tê-lo perdura por longo tempo obstinadamente. Em todos os casos, a criança considera a castração primeiramente apenas um infortúnio individual; só mais tarde ela a estende também a certas crianças e, por fim, a alguns adultos. Com o entendimento sobre a generalidade desse caráter negativo, produz-se uma grande desvalorização da feminilidade, portanto, também da mãe (FREUD, 1931, p. 295).

A última hipótese freudiana é que a proibição da masturbação geraria um sentimento de rancor em relação à mãe, dada sua função de impedir a satisfação. Esse sentimento retornaria na puberdade, quando novamente a mãe exerceria a função de controle em relação à obtenção de prazer na menina, ou seja, “quando a mãe assume o seu dever de proteger a castidade da filha” (FREUD, 1931/2018, p. 295). Desse modo, o afastamento da mãe se daria devido a esse sentimento de inferioridade e hostilidade diante da constatação da desvantagem que a menina teria em relação ao menino. “Seja como for, ao final dessa primeira fase de ligação com a mãe, emerge, como o motivo mais forte para se afastar dela, a recriminação por não tê-la concebido com um genital correto, isto é, por tê-la parido como mulher” (FREUD, 2018, p. 296).

Freud faz nesse texto um esforço para demonstrar como a menina abdica do seu primeiro objeto de amor para se voltar ao pai, assim, além das hipóteses mencionadas acima, ele também conjectura que pode ser algo da própria natureza da sexualidade infantil, e que pode ser necessário que esse primeiro amor perca a importância para a menina. Diante disso,

as metas sexuais da menina são organizadas como ativas e passivas, relacionando-se às fases da libido pelas quais a criança passa. A menina se coloca tanto como passiva para o adulto quanto ativa em suas brincadeiras que visam a uma elaboração psíquica de suas experiências. Na fase oral e anal, a mãe estaria no jogo de vivências sexuais, e posteriormente a fase fálica seria o passo para a mudança de objeto que passaria então para o interesse da menina pelo pai.

Essa fase pré-edípica é de grande importância para a menina, e tem uma ligação intensa e prolongada com a mãe. Freud chama essa primeira parte de Édipo negativo, para posteriormente adentrar no Édipo positivo. O complexo de castração leva a menina ao reconhecimento de sua inferioridade e, com isso, há três saídas possíveis para a sua sexualidade. A primeira é o afastamento geral da sexualidade, mais especificamente, diante do reconhecimento do pênis, a menina, insatisfeita com o clitóris, abandona por completo essa primeira sexualidade masculina/ativa; a segunda orientação é a conservação dessa posição inicial masculina, conhecida como “complexo de masculinidade”, que consiste na fantasia de fazer de tudo para ser um homem e voltar a ter o pênis; e a terceira posição é a forma feminina normal, “que toma o pai como objeto e assim encontra a forma feminina do complexo de Édipo” (FREUD, 2018, p. 291).

Diante da constatação de sua falta de pênis, a menina tem sentimentos de inveja, a *penisneid*, que promovem essas três vias de desenvolvimento sexual para a mulher freudiana.

Em 1933, Freud apresenta o texto “A feminilidade” em uma nova sequência de conferências, e sabemos hoje que essa seria sua última palavra sobre a mulher. Ele inicia o texto dizendo que não trará nada de novo e que não se sente seguro na explanação sobre o tema, porém comenta que irá levantar vários pontos interessantes para demonstrar o quanto a temática da mulher e do feminino foi enigmática para a teoria psicanalítica. Esse texto é fundamental, pois nele Freud reafirma sua teoria da bissexualidade e faz novas tentativas de discorrer acerca de um ponto nevrálgico para ele: a sexualidade feminina. Ele compara a uma ruminância a discussão sobre o que é ser homem ou mulher, ressaltando a dificuldade com a qual a psicanálise se deparou e ainda se depara, dado que o tema não é um consenso até os dias de hoje, suscitando uma gama de estudos e discussões.

Freud divide o texto entre o que concerne ao anatômico e biológico e o que diz respeito à vida anímica, ou seja, à vida pulsional, que tanto interessa à psicanálise. Mesmo as ciências biológicas tendo o binarismo macho e fêmea como inicialmente estabelecido pela

diferença anatômica e, posteriormente, pelos caracteres sexuais secundários, Freud demonstra que nem essa possibilidade é uma garantia absoluta, haja vista os casos de hermafroditismo ou outras condições relacionadas. Dessa forma, a bissexualidade seria o ponto incipiente, e as características masculinas e femininas estariam em todos os seres humanos.

Mais à frente, ainda na conferência “A feminilidade”, ele declara que a psicanálise não conseguiria definir absolutamente o que é a mulher, mas deveria investigar o processo de como alguém torna-se uma mulher, isto é, como, a partir da disposição bissexual, a criança poderia se tornar uma mulher. Freud assevera que o caminho será cheio de percalços, porquanto “o desenvolvimento da menininha até a mulher normal é o mais difícil e o mais complicado” (2018, p. 319), pois ela terá que fazer a “viragem para a feminilidade” (2018, p. 321), que consiste no abandono do clitóris como zona erógena para o investimento na vagina, assim como o afastamento do seu primeiro objeto de amor, a mãe, para investir na relação com o pai. “Portanto, a menina deve, com o passar do tempo, trocar sua zona erógena e objeto, já o menino mantém ambos” (2018, p. 321).

Freud insiste na teoria da inveja do pênis na menina como a promotora do complexo de castração:

O complexo de castração da menina também se inicia com a visão do outro genital. Ela imediatamente percebe a diferença e – é preciso admiti-lo – também sua importância. Ela se sente gravemente prejudicada e muitas vezes declara que gostaria de “também ter algo assim”, e cai vítima da inveja do pênis [Penisneid], que deixa marcas indeléveis em seu desenvolvimento e na formação do seu caráter, e mesmo no caso mais favorável não será superada sem um extremo dispêndio psíquico (FREUD, 2018, p. 329).

Freud, seguindo a sua linha de pensamento apresentada no texto de 1931, não recua em manter a inveja do pênis como central para a menina que “ofendida em seu amor próprio pela comparação com o menino, muito mais bem-dotado, ela renuncia à satisfação masturbatória no clitóris, rejeita o amor pela mãe e ao mesmo tempo recalca, não raramente, uma boa parte de seus anseios sexuais” (2018, p. 331). A mãe é abandonada como objeto de amor, porquanto passa da mãe fálica à mãe castrada, e os sentimentos de hostilidade se concretizam.

A segunda saída seria a recusa da menina de abandonar a atividade clitoridiana, se aferrando a ela ainda mais e, desenvolvendo um intenso complexo de masculinidade, negando a necessidade da passagem da atividade para a passividade. Há uma identificação com a mãe fálica ou com o pai, e “parece-nos que a operação mais extrema desse complexo de

masculinidade é a influência da escolha de objeto no sentido de uma homossexualidade manifesta” (FREUD, 2018, p. 335).

A outra possibilidade seria a renúncia a uma parte de atividade em troca da passividade, com a eleição do pai como objeto de amor, onde a feminilidade pode vir a ser normal. A menina busca no pai o reparo pela sua falta de pênis, logo, espera dele o que a mãe lhe negou. “No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo do filho, portanto, se o filho entrar no lugar do pênis, de acordo com a velha equivalência simbólica” (FREUD, 2018, p. 333). A satisfação da mulher será então completa se o filho tão desejado for um menino, para restituir-lhe o pênis e consumir a feminilidade.

No tocante ao complexo de castração, Freud esclarece nesse texto o que até então estava pouco acentuado em relação às meninas:

O que acontece com a menina é quase o contrário. O complexo de castração prepara o complexo de Édipo em vez de destruí-lo; através da influência da inveja do pênis a menina é pressionada a desfazer a ligação com a mãe e entra na situação do Édipo como se esta fosse um porto seguro. Com a ausência da angústia de castração, falta o motivo principal que havia pressionado o menino a superar o complexo de Édipo. A menina permanece nele por tempo indeterminado, só o desconstrói mais tarde e de maneira incompleta. A formação do Supereu tem de sofrer sob essas circunstâncias, ele não consegue atingir a intensidade e a independência que lhe conferem a sua importância cultural e – as feministas não gostarão de ouvi-lo, quando lhes apontamos os efeitos desse fator para o caráter feminino mediano (2018, p. 335).

Freud mantém o posicionamento em relação à mulher que já havíamos citado anteriormente, porém retoma a posição bissexual inata na sexualidade humana e muda seu posicionamento quanto à libido, afirmando então que à libido não é possível atribuir nenhum sexo, pois ela possui anseios ativos e passivos, e atividade e passividade estão presentes em ambos os sexos.

A saída normal para o Édipo feminino seria a ascensão à feminilidade por meio da aceitação da passividade necessária para a maternidade, que lhe traria a satisfação ilimitada de uma relação perfeita e isenta de ambivalência. A função de mãe também se repetirá na relação com o marido, e “o casamento mesmo não está assegurado enquanto a mulher não conseguir fazer do seu marido também o seu filho e agir como mãe em relação a ele (FREUD, 2018, p. 340). Ademais, para Freud, a feminilidade promoveria poucos interesses sociais, e a sublimação seria menor do que nos homens, além da presença de uma rigidez psíquica, devido a posições libidinais definitivas e imutáveis.

Nesse texto, Freud faz uma equivalência do falo com o bebê, situando este como o substituto que promoverá o acesso à feminilidade para a mulher, pois ela abrirá mão da inveja do pênis e tomará o bebê como a compensação por ter aceitado sua condição de mulher. Essa saída resolve a questão da virada em relação ao pai, mas condiciona a saída edipiana na mulher à aceitação do imperativo de ser mãe, porquanto a saída normal seria a ascensão à feminilidade que é alcançada com a maternidade. Ana Laura Prates Pacheco, no seu livro “Feminilidade e experiência psicanalítica”, discorre acerca dessa condição colocada por Freud em relação à feminilidade.

Minha hipótese, como já disse, é a de que Freud tentou manter uma espécie de ‘solução de compromisso’ no que diz respeito à premissa fálica e à noção de bissexualidade. A noção de inveja do pênis como ponto central da sexualidade feminina é, portanto, uma consequência desse impasse teórico. É possível deduzir essa inveja a partir dos efeitos do Complexo de castração na mulher, fazendo com que ela atinja a feminilidade a partir de um deslocamento da suposição fálica da mãe para o pai, e do pênis para o bebê. A feminilidade, dessa forma, fica aprisionada em um circuito fálico que faz com que haja, em algumas passagens da teorização freudiana, equiparação entre mãe e mulher (2017, p. 79).

Observamos, então, que a psicanálise, em relação à sexualidade humana, foi à frente de seu tempo, e afastou qualquer predeterminação biológica de seu desenvolvimento, pois o bicho homem funciona segundo uma lógica diferente do instinto. Porém, em relação à sexualidade feminina, fica patente uma ambivalência, pois, ao mesmo tempo em que deu lugar para as mulheres falarem de sua sexualidade, a psicanálise reduziu a feminilidade à renúncia da inveja do pênis, possível por meio da compensação ao obter um falo na maternidade. Carla Regina França comenta esse paradoxo da teoria freudiana em sua tese de doutoramento “De Freud a Irigaray: da mulher como enigma à potência crítica das estruturas hegemônicas”.

Nesta tese, mostra-se que a lógica freudiana deu, à mulher, espaço para falar da sua sexualidade, mas, paradoxalmente, depois de toda a transformação epistemológica que sua teoria causou sobre a sexualidade humana, a psicanálise freudiana manteve o mesmo lugar atribuído à mulher no século XX, que foi a maternidade, com pouco senso de justiça devido a sua inveja fálica, aos interesses sociais fracos e aos perigosos para a civilização. A biologia feminina justificou sua exclusão da mulher do sistema político e da via pública, já o discurso da psicanálise freudiana, por sua vez, não pareceu suficientemente libertador para que a mulher ultrapassasse os limites políticos do jogo de poder heteronormativo (2018, p.14).

Freud reconhece sua dificuldade ao falar da mulher, como é sabido através do seu questionamento “o que quer uma mulher?”. Colette Soler, em “O que Lacan dizia das mulheres”, atesta esse fracasso: “assinalo, entretanto, que no final, reconheceu o fracasso de sua tentativa. Seu famoso ‘o que quer uma mulher?’ confessa isso, no final, e poderia traduzir-

se assim: o Édipo produz o homem, não produz a mulher” (2005, p. 17). O Édipo freudiano é reducionista em relação à mulher, pois coloca a ascensão à feminilidade como possível apenas pela via da maternidade.

A constituição da sexualidade feminina e o tornar-se mulher demandaram um grande esforço de Freud e expuseram a existência de vários impasses em sua nova ciência, a propósito, até os dias atuais sua obra é intensamente acusada de misoginia, o que não a faz menos importante. Sua teoria foi revolucionária quanto aos avanços da sexualidade, no entanto, em relação à mulher e ao feminino, Freud pouco contribuiu. Ele parte da premissa de que o corpo feminino traria consequências ao psiquismo da mulher, mesmo com a negação da existência da vagina. A menina já nasceria por si só com uma desvantagem em relação a sua anatomia e por isso teria a inveja do pênis como central em sua constituição psíquica. Freud não conseguiu, em relação às mulheres, desprender-se do discurso em que estava imerso e fez esse discurso prevalecer como uma regra universal, não percebendo a estrutura simbólica e cultural impregnada nos ditos sobre as mulheres.

Lacan, mesmo mantendo a estrutura falocêntrica no início de sua teoria, faz duras críticas ao imaginário arraigado na teoria psicanalítica e consegue, através da construção de uma teoria do simbólico, afastar alguns elementos problemáticos presentes na teoria freudiana. O falo tomado como simbólico dá um novo contexto ao Édipo, pois agora ele não está mais atrelado ao pênis, mas atua como um significante que é o norteador simbólico da civilização. O a priori em Freud era a anatomia, ou seja, o pênis como o universal, já em Lacan o a priori em todos os seres humanos é o dizer, que não depende da experiência, mas que está atrelado ao desejo do Outro.

Outra importante diferenciação que Lacan faz é entre a mulher e a mãe, uma vez que, para Freud, a ascensão à feminilidade se daria por meio da maternidade. A criança teria o valor de falo para a mãe, e esta posição seria a prioridade para as mulheres, sobrepondo-se à sua erotização, valorizando os aspectos imaginários da maternidade. A tentativa de dizer acerca da mulher fracassa em Freud, como ele mesmo reconheceu com seus últimos dizeres acerca de uma feminilidade enigmática. Sua construção teórica vulnerável pautada no Édipo feminino não assegura o que é uma mulher, pois esta não se resume à maternidade e tampouco um bebê pode assegurar-lhe a consistência de sua existência.

A teoria psicanalítica sobre a sexualidade humana é arrojada, como já foi afirmado neste trabalho, todavia, em relação à mulher, existem indubitáveis impasses que transparecem que a teoria poderia ter avançado. Isto posto, é a tentativa de Lacan que nos interessa a partir de agora, principalmente no segundo tempo de sua teoria, quando há uma releitura dos textos freudianos com um principal enfoque na ascensão do simbólico, retirando a psicanálise do imaginário ao qual estava mergulhada.

2. A MULHER E O FEMININO EM LACAN

E de reconhecer, ao mesmo tempo, que o analista está tão exposto quanto qualquer outro a um preconceito relativo ao sexo, a despeito do que lhe revela o inconsciente⁶.

Ao longo de seu percurso, Lacan escreveu sobre a mulher e o feminino em vários momentos de seu extenso ensino. Recortamos um momento específico de seu pensamento, o que não resume um todo acerca do assunto, dado que desenvolvemos aqui uma dissertação de mestrado, o que configura uma temporalidade na qual não haveria espaço para a análise de toda a sua teoria.

A demarcação⁷ teórica do ensino de Lacan, apesar de ser um tema controverso, auxilia-nos a compreender como iremos utilizar seus conceitos para o debate, pois daremos mais ênfase ao momento inicial de seu ensino, quando ele faz uma retomada da letra freudiana. O pensamento de Lacan pode ser abordado a partir de três grandes marcos ou pontos de virada: inicialmente há um destaque para a teoria do imaginário nas décadas de 1930 a 1950; num segundo momento, com o início de seus seminários em 1953 até 1964, podemos observar uma proeminência no simbólico; e, posteriormente, o desenvolvimento do registro do real, marcado, principalmente, pelos seus seminários finais na década de 1970.

Nosso enfoque será no segundo momento de seu ensino, quando, munido das teorias de sua época, ele ressignifica conceitos fundamentais da teoria freudiana minimizando o imaginário em que a psicanálise estava mergulhada.

A teoria freudiana acerca da sexualidade da mulher e do feminino tropeçou em vários pontos que foram repassados no primeiro capítulo deste trabalho. Nesse contexto, a

⁶ Jacques Lacan em “Para um Congresso sobre sexualidade feminina” em 1958. O texto consta nos Escritos, 1998, p. 740.

⁷ Luiz Fernando Botto Garcia, em sua dissertação de mestrado, faz um interessante retrato da obra de Lacan e de seus pontos de virada, apesar de seu trabalho não focar na questão temporal da obra lacaniana especificamente, pois ele irá tratar do conceito de objeto *a*, discorrendo sobre a construção desse conceito. Todavia, a sua escrita marca muito bem os momentos de virada conceitual que Lacan promove, mesmo tendo como objetivo central o desdobramento do conceito de objeto *a*, traçando uma linha temporal que atravessa o início do ensino de Lacan até o real. “Se falo do objeto, o faço para buscar algum contorno para o real” (GARCIA, 2015, p. 4). Assim, mesmo não visando tratar diretamente a questão histórica da obra de Lacan, o autor noticia a trajetória dessa historicidade, desde a construção da teoria do imaginário, passando pela elaboração do simbólico e da hipótese do real.

psicanálise lacaniana poderá contribuir nesta discussão. Tomaremos a primeira fase da teoria lacaniana como orientadora para o debate que giram em torno da constituição da mulher e do feminino, num empenho de apontarmos como Lacan articulou os conceitos freudianos sob uma nova ótica.

Realizando uma exegese da escrita psicanalítica na tentativa de produzir, para além da compreensão, uma possível ressignificação, tendo como horizonte a incompletude que o tema engendra. A questão da incompletude já transparecia em Freud, com seu questionamento final “o que quer uma mulher”, e reaparece em Lacan como “o que é uma mulher?”. Há um evidente esforço desses dois grandes pensadores em contribuir para a construção de uma teoria psicanalítica acerca da mulher e do feminino, contudo, essa teoria não deve ser engessada à verdade, mas sim tomada como um ponto que indica a transitoriedade dos conceitos em psicanálise.

Na tentativa de dizer acerca da mulher e do feminino, Lacan retoma Freud, partindo do inconsciente estruturado como uma linguagem, para teorizar sobre o falo como significante, e não mais como presença ou ausência do pênis. Simbolicamente, o falo é o significante que norteia homens e mulheres e, também será o significante que encobrirá a falta, que é estrutural. Com isso, o Édipo é metaforizado, trazendo a novidade para a mulher de ser ou não o falo, ou seja, encarnando a significação de castrada, ela poderá se colocar como objeto fálico ao homem.

Para Françaia (2019), Lacan foi fiel a Freud, mas divergiu dele quando trouxe o inconsciente regido por leis sociais, driblando o naturalismo da obra freudiana através de um corpus teórico estruturalista.

A psicanálise francesa buscou contornar o mote vienense ao produzir uma teoria na qual a sexualidade está apartada do poder e da submissão de um sexo sobre o outro. Ao que parece, havia um projeto de produzir uma teoria que emancipasse os sexos das relações de poder e, principalmente, tirasse o corpo como base para a sexualidade, a fim de produzir a ideia de um sujeito dividido pela linguagem e alienado ao significante. Mas a teoria lacaneana reproduziu e, com isso, reforçou elementos da tese freudiana a partir de outros pressupostos (FRANÇAIA, 2019, p. 47).

Para Freud, o complexo de castração e o Édipo se resolvem no plano imaginário, no real do corpo; para Lacan, isso acontece no campo simbólico, através da metáfora paterna, porém ainda por meio da ameaça de castração no menino e da inveja do pênis na menina, em que o significante do falo – a metáfora paterna – ordenará a diferença sexual. O que para Freud é descrito como ter ou não ter o pênis, para Lacan é ressignificado em ter ou ser o falo.

No homem, o pênis é o suporte imaginário que dá sustentação ao semblante de fazer-se homem; no caso da mulher, como ela não o tem, é mais acessível ser o falo. À mulher, na sua incompletude, cabe o encarnar o falo como semblante.

2.1 O RETORNO A FREUD: O INCONSCIENTE ESTRUTURADO COMO UMA LINGUAGEM

Durante as décadas de 1950 a 1970, Jacques Lacan empreende um movimento nomeado “Retorno a Freud”, no qual a teoria desenvolvida pelo pai da psicanálise é retomada em sua autenticidade. O retorno a Freud é um movimento de crítica aos pós-freudianos e aos rumos que a teoria psicanalítica havia tomado após a morte do psicanalista vienense. Durante esse período, Lacan, em seus seminários e em seus manuscritos, retoma a letra freudiana, por considerar que esta havia sido profundamente desvirtuada e transformada numa prática pautada na relação interpessoal através de projeções e identificações imaginárias.

No texto “A psicanálise verdadeira, e a falsa”, de 1958, Lacan vai ponto a ponto evidenciando as distorções às quais a psicanálise havia sido submetida, formulando que ela fora negligenciada em seu fundamento e reduzida “a uma prática cada vez mais organizada de pedagogia corretiva” (LACAN, 2003, p. 178). Em “A instância da letra no inconsciente”, ele aponta novamente que “a evolução da psicanálise conseguiu, por um cômico passe da mágica, fazer dela uma instância moral, berço e lugar de experiência da oblatividade e da amância” (LACAN, 1998, p. 527).

Para ele, a psicanálise teria se transformado num instrumento para adaptação do indivíduo, ofuscando os principais conceitos elaborados por Freud, que são o inconsciente e a sexualidade. “De fato, não é com a psicologia que Freud se preocupa, nem em reforçar o eu de seu paciente, nem em lhe ensinar a suportar a frustração ao ser cobrado por Dora a propósito da situação escandalosa em que a má conduta do pai dela a prostitui” (LACAN, 1953, p. 150). No “Discurso de Roma”, de 1953, Lacan escreve que o retorno a Freud deve ser realizado sob o postulado de que a linguagem é o elemento essencial da experiência psicanalítica; a linguagem é constituinte do homem; o inconsciente é a própria estrutura da linguagem; e a psicanálise, ao ter parentesco com o paradigma inaugurado pela linguística estrutural, está assegurada no rigor da ciência moderna.

Ao mesmo tempo em que Lacan fazia um retorno aos escritos freudianos, ele estava mergulhado na subjetividade de sua época, quando o estruturalismo promovia uma revolução no método das ciências humanas e sociais, influenciado principalmente pelos linguistas estruturalistas, que traziam a novidade que a linguagem não pode estar limitada às relações entre as palavras e as coisas. O foco deveria estar na língua e não na fala, tirando a atenção do falante para concentrá-la na logicidade da língua e do discurso (THIRY-CHERQUES, 2006).

Lacan propôs uma volta aos escritos de Freud pelas lentes do estruturalismo e, com isso, vislumbrou um rigor científico para a psicanálise, problema latente desde Freud, porquanto a questão da cientificidade⁸ da psicanálise não é um tema novo. Para o psicanalista francês, era necessário o resgate do simbólico que estava escamoteado pelo imaginário dos pós-freudianos, afastando completamente a psicanálise do campo da biologia. Assim, Lacan tece críticas importantes ao cenário daquela época:

Por isso é que realmente se trata de um novo obscurantismo quando todo o movimento atual da psicanálise se lança impetuosamente num retorno às crenças ligadas ao que chamamos pressuposto da psicologia – no primeiro plano das quais a pretensa função de síntese do *eu [moi]*, que por ter sido cem vezes refutada, e bem antes e fora da psicanálise, por todas as vias da experiência e da crítica, bem merece, em sua persistência, ser qualificada de superstição (LACAN, 2003, p. 149).

Ainda no “Discurso de Roma”, Lacan irá retomar a divisão subjetiva proposta por Freud, marcando as diferenças entre o *eu [moi]* e o *isso [je]*, onde o *eu* se refere ao ego e suas funções pautadas na denegação como promotoras de “miragem e desconhecimento” (LACAN, 2003, p. 149). O *eu* se situa na ordem das relações imaginárias, é metade do sujeito, uma metade que não dispõe de domínio completo sobre as condutas do sujeito. No texto “Psicanálise verdadeira, e a falsa” ele prossegue nessa distinção entre imaginário e simbólico, criticando a fascinação que os psicanalistas tinham com o *eu*, não percebendo o efeito do imaginário que tampona as mensagens vindas do inconsciente e que são os elementos simbólicos. Ele aponta o “engodo imaginário” (LACAN, 2003, p. 176) sob o qual o texto freudiano “Introdução ao narcisismo” (1914) foi tomado, servindo de “uma ortopedia psíquica” (LACAN, 2003, p. 176) que objetivava o reforço do *eu*, “cujo postulado ficará

⁸ No artigo “A Ciência de Freud: introdução ao problema da cientificidade da psicanálise”, as autoras elaboram essa complexa questão acerca da cientificidade da psicanálise e seus desdobramentos. “Há quem considere ser a psicanálise, sim, uma ciência (LO BIANCO, 2003; MENZAN, 2007; ROLIM, 2000; PRUDENTE; RIBEIRO, 2005), enquanto outros afirmam que ela deveria passar por revisões profundas para se encaixar no perfil de uma produção científica (KERNBERG, 2006; WALLERSTEIN, 1986; CLARKIN et al., 1999)” (SISSON e WINOGRAD, 2010, p. 68).

ligado à história de nossa época como testemunho de um obscurantismo sem precedentes” (LACAN, 2003, p. 176).

Lacan promove uma retomada aos textos freudianos para afastar por completo o substrato biológico, dando ênfase ao simbólico como anterior ao sujeito. Influenciado pela escrita que o antropólogo Lévi-Strauss⁹ fez do mito freudiano, Lacan irá coincidir a Lei primordial de proibição do incesto com a linguagem. No texto “Função e campo da fala e da linguagem” (1953), ele postula esses conceitos, afirmando que a proibição do incesto inaugura a lei que é idêntica à ordem de linguagem, a lei que é veiculada pelo nome do pai que dá suporte à função simbólica. Ele cita Lévi-Strauss, argumentando que suas investigações demonstram as relações estruturais entre a linguagem e as leis sociais, no mesmo caminho em que Freud assenta os fundamentos do inconsciente. “Podemos dizer que neste momento de seu percurso Lacan leu Freud sob o ponto de vista de Lévi-Strauss, ou seja, o antropólogo permitiu a Lacan identificar no enredo das elaborações freudianas o devido lugar da dimensão estrutural da linguagem” (MORESCHI, 2013, p. 53).

Então, para Lacan (1998, p. 290) ainda era necessário “reconduzir a experiência psicanalítica à fala e à linguagem como a seus fundamentos”. Ou seja, o sujeito na sua fala já demonstra, à sua revelia, a linguagem primeira que o constitui e que está para além do que se diz. Assim, seria possível recolocar o inconsciente no seu devido lugar através da linguística, trazendo a estrutura da linguagem como o seu fundamento, pois é “a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” (1998, p. 498).

O texto “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, de 1957, é considerado um texto fundamental, no qual Lacan “marca uma verdadeira virada, rumo a linguística estrutural, no interior do retorno a Freud” (DUNKER, 2019, p. 21). Nas três divisões do texto marcadas por Lacan, há um esforço para dar continuidade às descobertas do inconsciente empreendido por Freud e agora endossadas pelas teorias dos linguistas estruturalistas Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson. No entanto, Lacan inverte o algoritmo saussuriano para o conceito de signo linguístico – significado (s) sobre significante

⁹ Claude Lévi-Strauss (1908 - 2009) é considerado o fundador da antropologia estruturalista, e no livro “As Estruturas Elementares do Parentesco” (1949) faz uma menção a Freud em “Totem e Tabu”: “Freud explica com êxito não o início da civilização mas seu presente. Tendo partido à procura da origem de uma proibição, consegue explicar não por que o incesto é conscientemente condenado, mas como acontece que seja inconscientemente desejado” (p. 531). Nesse livro ele coloca que a proibição do incesto é universal, como a linguagem.

(S), separados pela barra da significação (s/S) –, para dar primazia ao significante – (S/s) –, onde este tem outro valor, que se limita a suportar um significado. O algoritmo lacaniano é pura função significante, subversão da teoria de Saussure, privilegiando o significante em detrimento do significado. O significante é compreendido como não tendo relação com o significado, um puro “*non sense*” (FERREIRA, 2002, p. 115), que só ganha sentido quando articulado numa cadeia significante que se organiza por duas operações da linguagem: a metáfora e a metonímia.

Assim, Lacan inscreve o significante como operando no sujeito que emerge pela linguagem, autonomamente, através das operações que já eram observáveis na “Interpretação dos Sonhos” de Freud, a saber, condensação (metáfora) e deslocamento (metonímia), “[...] na Ciência dos sonhos, trata-se apenas, em todas as páginas, daquilo a que chamamos a letra do discurso, em sua textura, seus empregos e sua imanência na matéria em causa. Pois esse texto abre com a sua obra a via régia para o inconsciente” (LACAN, 1998, p. 513).

A *Verdichtung*, condensação, é a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora, e cujo nome, por condensação em si mesmo a *Dichtung*, indica a conaturalidade desse mecanismo com a poesia, o ponto de envolver a função propriamente tradicional desta.

A *Verschiebung* ou deslocamento é, mais próxima do termo alemão, o transporte da significação que a metonímia demonstra e que, desde seu aparecimento em Freud, é apresentado como o meio mais adequado do inconsciente para despistar a censura (LACAN, 1998, p. 515).

Para o psicanalista francês, a “*Traumdeutung*”, a “Psicopatologia da Vida Cotidiana” e “O chiste em sua relação com o inconsciente”, de Freud, são os textos canônicos que já antecipavam as formalizações da linguística. Freud estava nos dando as leis do inconsciente que deveriam ser trazidas novamente ao cerne da psicanálise, ou seja, a descoberta freudiana de que “penso onde não sou, logo sou onde não penso” (LACAN, 1998, p. 521).

Lacan (1998, p. 532) indicaria, ainda no mesmo texto, que “o sintoma é uma metáfora, quer se queira ou não dizê-lo a si mesmo, e o desejo é uma metonímia, mesmo que o homem zombe disso”, assim, a metáfora está ligada ao ser e a metonímia à sua falta. O inconsciente é o discurso do Outro que se manifesta nos sonhos, lapsos, sintomas e chistes, ou seja, onde o sujeito é mais pensado do que pensa, é o lugar da alteridade como distinta do eu consciente. “A finalidade proposta ao homem pela descoberta de Freud foi definida por ele, no apogeu de seu pensamento, em termos comoventes: *Wo Es war, soll Ich werden. Là ou fut ça, Il me faut advenir. Lá onde isso foi, ali devo advir*” (Ibid., p. 528).

É com a subversão da linguística que Lacan irá ressignificar a psicanálise freudiana, articulando o que estaria na ordem do imaginário e o que estaria no simbólico. Os conceitos freudianos recebem uma nova leitura, que coloca outra vez o inconsciente e a sexualidade como conceitos fundamentais. A interpretação que será conferida ao falo e ao Édipo, por Lacan, é interessante para verificar a questão da mulher e do feminino, pois o acento sobre o simbólico, nesse retorno a Freud, desconecta a sexualidade humana do âmbito instintivo. O complexo de Édipo e de castração serão retomados com o estatuto do falo como significante, conceito desenvolvido por Lacan ao longo do “Seminário 4” e do “Seminário 5” e formalizado no texto “A significação do falo”.

2.2 O ÉDIPO LACANIANO: O FALO COMO SIGNIFICANTE

Na retomada da psicanálise freudiana para demonstrar os pontos de transgressão que ela vinha sofrendo, conforme denunciava Lacan, há um intenso trabalho de construção do que ficou conhecido como o primeiro momento do ensino lacaniano, no qual há uma ênfase no registro Simbólico, e que irá caminhar para a elaboração de um importante conceito que é o falo como significante, possibilitando uma nova leitura dos complexos de Édipo e de Castração. “Lacan é quem nos ajuda a ler Freud sem elidir a sua própria posição de autor na produção da teoria e da prática da psicanálise (POLI, 2007, p. 10).

Para o psicanalista Joël Dor (1989), a teoria de Lacan se apoia numa referência ao objeto fálico que fica evidente a partir do seminário sobre as psicoses, onde aparece a insistência em afirmar o papel central dessa concepção que teria sido objeto de confusões importantes entre os comentadores de Freud, principalmente no caso de Ernest Jones e seu conceito de *afânise*,¹⁰ que seria o indicativo da “má concepção do sentido e do alcance do objeto fálico”.

¹⁰ Conforme o Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise, o termo introduzido por Ernest Jones “significa uma ‘abolição do desejo ou capacidade de desejar’, e deriva de *aphanisis* que, em grego, quer dizer ‘fazer desaparecer’. Jones afirmou que o medo de castração no homem corresponde na mulher ao medo de abandono. Como consequência desses temores, todo homem, como toda mulher, pode desenvolver, em comum, um estado de afânise, ou seja, um congelamento dos desejos” (ZIMERMAN, 2008, p. 22). Também no Dicionário Enciclopédico de Psicanálise a *afânise* é aludida: “Em seus artigos de 1927 sobre o ‘O desenvolvimento precoce da sexualidade feminina’ e de 1929 sobre ‘O medo, culpa e o ódio’, reproduzido em *Théorie et pratique de la psychanalyse*, Ernest Jones considerava que o temor da castração, que especifica o homem, tem por equivalente

[...] Jones teria confundido, na elaboração do conceito de *afânise*, de certo modo implicitamente, o pênis e o falo. Em outros termos, tratar-se-ia, neste caso, de um desconhecimento específico da natureza do objeto fálico, natureza que permite a Freud atribuir-lhe, precisamente, um valor e uma função idênticas no homem e na mulher (DOR, 1989, p. 73).

Para Lacan, o falo não é o pênis, mas sim o significante que será assumido pela criança após a passagem pelo complexo de Édipo, de modo que “faça dele instrumento da ordem simbólica das trocas, na medida em que ele preside à constituição das linhagens” (LACAN, 1995, p. 204), portanto, o falo possui uma função.

O falo é aqui esclarecido por sua função. Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isso um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau, etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade implicada numa relação. E é menos ainda órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. E não foi sem razão que Freud extraiu-lhe a referência do simulacro que ele era para os antigos (LACAN, 1998, p. 697).

O falo, em sua função, ocupa um lugar na economia do desenvolvimento do sujeito. Ele tem a função de significante que “impõe que seja no lugar do Outro que o sujeito tem acesso a ele” (LACAN, 1998, p. 700). O Outro é o lugar da ordem simbólica, o campo dos significantes que constitui a criança, e é inicialmente encarnado por quem exerce a função de cuidados com o bebê – a mãe. Esta, ao acolher as necessidades do bebê, introduz a palavra; ela fala com o bebê e, com isso, exerce uma função que vai além da satisfação das necessidades corporais, ou seja, com a palavra ela promove a entrada do bebê no mundo simbólico – da necessidade passa então para a demanda. O bebê chora em virtude das suas tensões corporais, e inicialmente sem intenção de dirigir esse choro a outro, porém a mãe interpreta suas necessidades físicas como uma demanda dirigida a ela. Para Lacan (1998) o fato de falar faz com que as necessidades estejam sujeitas à demanda, que retornam ao bebê de forma alienada e, isso seria devido ao Outro ser o lugar dos significantes, neste caso, o Outro é representado por quem exerce a função materna, a mãe.

A mãe poderá satisfazer as necessidades do bebê, mas a demanda não, pois esta se constitui como algo “distinto das satisfações por que clama”, uma vez que ela surge no intervalo de ausência da mãe e se torna desejo, ou seja, o desejo é “a diferença que resulta da

na mulher o medo da separação ou abandono. Seriam manifestações diferentes de uma angústia primária comum aos dois sexos: o temor da *afânise* (desaparição), abolição da capacidade de experimentar um prazer sexual, ou mesmo a possibilidade de obter satisfação. Essa ameaça de uma extinção da sexualidade levaria o sujeito a ter de renunciar ao objeto desejado ou bem a seu próprio sexo. Aos efeitos da privação, porém, se acrescentariam aqueles da inibição quando o temor de desejar conduzisse a uma espécie de *afânise* artificial” (KAUFMANN, 1996, p. 10).

subtração do primeiro à segunda, o próprio fenômeno de sua fenda (*Spaltung*¹¹) (LACAN, 1998, p. 698). O desejo é constituído a partir desse impossível de satisfazer à demanda, “o vazio dessa demanda inscreve a criança numa relação com o desejo do Outro que a aloja na insígnia da falta, isto é, a aloja como desejante também (FRANÇOIA, 2019, p. 51).

Na constituição subjetiva da criança, é necessário que ela entre no campo do desejo da mãe, isto significa que, para se constituir como sujeito desejante, ela precisa inicialmente se alienar ao desejo do Outro, aqui representado pela mãe. A criança precisa ocupar o lugar de objeto de desejo materno para receber um significante como nome próprio, portanto, ela coloca-se como o falo para a mãe. “Se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-lo” (LACAN, 1998, p. 700).

Neste momento, a criança encontra-se alienada ao desejo da mãe, que está representada como aquela que exerce a função materna. Aqui ocorre também o que Lacan nomeou de estágio do espelho, onde há uma identificação fundamental na qual a criança conquista a imagem de seu próprio corpo. O estágio do espelho se dá por volta do sexto até o décimo oitavo mês de vida do bebê, organizado em três tempos que marcam a conquista progressiva da imagem de seu corpo. No primeiro tempo, há uma indiferenciação entre o bebê e o outro, um assujeitamento imaginário no qual o corpo encontra-se fragmentado. Já no segundo momento, a criança distingue a imagem do outro da realidade do outro. E no terceiro momento ela se reconhece através dessa imagem, podendo agora ver seu corpo numa totalidade unificada. Joël Dor analisa esse momento de virada na criança:

Resta dizer que esta conquista da identidade é sustentada, em toda a sua extensão, pela dimensão imaginária, e no próprio fato da criança identificar-se a partir de algo virtual (a imagem ótica) que não é ela enquanto tal, mas onde ela entretanto se reconhece. Não se trata, pois, de nada mais do que um reconhecimento imaginário, que, por outro lado, é justificado por fatos objetivos (DOR, 1989, p. 80).

Nesta etapa, a criança procura identificar-se com o que supõe ser o objeto de desejo da mãe, ou seja, ela supõe encarnar o falo para a mãe, aquilo que lhe falta. Há uma relação fusional entre mãe e bebê, uma relação que não possui nenhum elemento terceiro que possa mediar essa ligação até o momento. Esse seria o primeiro tempo do Édipo em Lacan, quando não haveria ainda a instauração da falta, da castração.

¹¹ *Spaltung* aparece nos textos psicanalíticos como dissociação, clivagem, divisão, cisão e *splitting*, conforme o “Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise” (2008, p. 109).

Em relação ao conceito de castração, também denominado como falta em Lacan, pode-se distinguir três tipos de falta de objeto, partindo da relação dual mãe-bebê, onde sua natureza é qualitativamente diferente, a saber: frustração, privação e castração. A frustração é da ordem do imaginário, de uma reivindicação do que é desejado, porém sem nenhuma possibilidade de satisfação. Na frustração, a mãe é o agente, tomada no real como portadora de um dom que pode ou não ser oferecido à criança. O pênis é tomado como o representante desse objeto pela criança, e sua ausência na mãe é tida como frustração. Na privação, a falta é real, completamente distinta do imaginário, um furo, e o objeto é simbólico. A castração foi introduzida por Freud coordenada à noção da lei primordial, que é a lei de interdição do incesto. Assim, para Lacan, a castração é uma dívida simbólica na qual o objeto é imaginário:

O objeto é imaginário. A castração de que se trata é sempre a de um objeto imaginário. É essa comunidade que existe entre o caráter imaginário da falta na frustração e o caráter imaginário do objeto da castração, o fato da castração ser uma falta imaginária do objeto, que nos facilitou crer que a frustração nos permitiria alcançar bem mais facilmente ao centro dos problemas (LACAN, 1995, p. 37)

A castração está na estrutura do complexo de Édipo freudiano e o que importa nesse momento é que a criança consinta em fazer do falo o instrumento da ordem simbólica do qual se estabelecem as trocas humanas, ou seja, assuma o falo como significante. Lacan propõe três tempos do Édipo, sendo o primeiro posterior ao estágio do espelho, onde a criança está numa relação fusional com a mãe. Neste primeiro momento, a criança busca se identificar com o que supõe ser o objeto de desejo da mãe, ela busca ser aquilo que falta à mãe. Seu desejo está completamente assujeitado ao desejo da mãe e ela está na posição de ser ou não ser o falo da mãe. “Primeiro tempo. O que a criança busca, como desejo de desejo, é poder satisfazer o desejo da mãe, isto é, *to be or not to be* o objeto do desejo da mãe” (LACAN, 1999, p. 197). O desejo da mãe é então nomeado por Lacan como o desejo do Outro, e a mãe assume, imaginariamente, para o bebê essa posição de Outro absoluto.

Lembro-lhes aquilo a que sempre convém voltar: é somente depois de haver atravessado a ordem sempre constituída do simbólico que a intenção do sujeito, quero dizer, seu desejo já passado ao estado de demanda, encontra aquilo a que se dirige, seu objeto, seu objeto primordial – nomeadamente, a mãe. O desejo é uma coisa que se articula. O mundo no qual ele entra e progride, este mundo aqui, este baixo mundo, não é simplesmente um *Umwelt* no sentido de nele se poderem encontrar meios de saciar as necessidades, mas é um mundo onde impera a fala, que submete o desejo de cada um à lei do desejo do Outro (LACAN, 1999, p. 194).

O primeiro tempo do Édipo é uma etapa fálica primitiva, argumenta Lacan, quando o sujeito se identifica especularmente, imaginariamente, com aquilo que é objeto do desejo de sua mãe. É um tempo mítico da relação do bebê com a mãe, na qual esta, através da função

materna, não apenas sacia as necessidades do bebê, mas também ratifica a articulação significante. “A necessidade que se torna demanda é impossível de ser respondida, pois se transforma no desejo da criança, desejo este que surge entre demanda e necessidade” (FRANÇOIA, 2018, p. 51). Para a psicanálise, a constituição do sujeito parte da alienação ao campo dos significantes, representado pelo Outro materno, que, investido de desejo, entrega ao sujeito um significante como o nome próprio, para que então ele possa responder do lugar de sujeito.

No segundo tempo, o pai, também no campo imaginário, intervém como privador da mãe, inscrevendo uma lei mediadora que priva a mãe de seu objeto fálico. A função paterna, representada pelo pai, instaura a castração que significa a lei que interdita o incesto e funda o recalque originário, e também priva a mãe do seu objeto absoluto, marcando seu desejo insatisfeito, furado. Lacan (1999, p. 198), ao abordar a função paterna pondera que:

Com efeito, aquilo sobre o qual o sujeito interroga o Outro, na medida em que ele o percorre por inteiro, sempre encontra dentro dele, sob certos aspectos, o Outro do Outro, ou seja, sua própria lei. É nesse nível que se produz o que faz com que aquilo que retorna à criança seja, pura e simplesmente, a lei do pai, tal como imaginariamente concebida pelo sujeito como privadora da mãe. Esse é o estádio, digamos, nodal e negativo, pelo qual aquilo que desvincula o sujeito da sua identificação liga-o, ao mesmo tempo, ao primeiro aparecimento da lei, sob a forma desse fato de que a mãe é dependente de um objeto, que já não é simplesmente o objeto de seu desejo, mas um objeto que o Outro tem ou não tem.

É nesta oscilação de ser ou não ser que se encaminha o segundo tempo, quando o pai intervém na relação fusional entre mãe e criança como o privador da mãe, “o que significa que a demanda endereçada ao Outro, caso transmitida como convém, será encaminhada a um tribunal superior, se assim posso me expressar” (LACAN, 1999, p. 198). O que retorna para a criança é a lei do pai, que aparece como o importunador que interdita a satisfação do impulso. A criança é convocada a questionar sua identificação fálica e a renunciar a ser o objeto de desejo da mãe. Do lado da mãe, o pai é o privador do falo que ela projeta ser a criança, isto é, a criança como objeto do desejo materno (DOR, 1989).

Para Lacan, a castração da mãe não é a falta do pênis verificada através da visão dos genitais da mulher, mas sim a falta no Outro, que é apresentada pela intervenção do pai como privador no desejo da mãe de fazer de seu filho seu objeto fálico. No terceiro tempo, o pai pode dar à mãe o que ela deseja, pois ele tem o falo. Lacan (1999, p. 201) argumenta acerca desse segundo tempo:

Em terceiro lugar, o pai se revela como aquele que tem. É a saída do complexo de Édipo. Essa saída é favorável na medida em que a identificação com o pai é feita

nesse terceiro tempo, no qual ele intervém como aquele que tem o falo. Essa identificação chama-se Ideal do Eu. Ela vem inscrever-se no triângulo simbólico no polo em que está o filho, na medida em que é no polo materno que começa a se constituir tudo que depois será realidade, ao passo que é no nível do pai que começa a se constituir tudo o que depois será o supereu (LACAN, 1999, p. 201).

O terceiro tempo é o declínio do Édipo, quando o pai intervém como real e potente, introduzindo a metáfora paterna que “desempenha nisso um papel que é exatamente o que poderíamos esperar de uma metáfora – leva à instituição de alguma coisa que é da ordem do significante, que fica guardada de reserva, e cuja significação se desenvolverá mais tarde” (LACAN, 1999, p. 201). A metáfora paterna promove a estruturação do sujeito e instaura uma identidade sexual “a partir da forma como o sujeito se posiciona em relação ao falo” (PRATES, 2017, p. 125), o que Lacan chamará de sexuação. “É nessa medida que o terceiro tempo do complexo de Édipo pode ser transposto, isto é, a etapa da identificação, na qual se trata de o menino se identificar com o pai como possuidor do pênis, e de a menina reconhecer o homem como aquele que o possui” (LACAN, 1999, p. 203)”. O falo passa do estatuto de imaginário fálico ($-\phi$) para o falo simbólico (ϕ), através da simbolização da metáfora paterna.

Assim, Lacan retira da relação edípica o pênis como o elemento que produz a castração, introduzindo o falo simbólico. “O complexo de Édipo tem uma função normativa, não simplesmente na estrutura moral do sujeito, nem em suas relações com a realidade, mas quanto à assunção de seu sexo” (LACAN, 1999, p. 171). A esta assunção, Lacan refere-se dizendo que cabe ao homem assumir um tipo viril e à mulher assumir um tipo feminino, para que ela “se reconheça como mulher, identifique-se com suas funções de mulher” (LACAN, 1999, p. 171). O Édipo promoveria a virilidade e a feminização, pois estaria ligado à função do Ideal do eu, ou seja, a assunção do masculino e do feminino, como pondera Lacan (1999, p. 179):

O que acontece no nível ideal, nível em que o pai se faz preferir à mãe e ponto de saída do Édipo, deve levar, literalmente, à privação. Para a menina, esse resultado é totalmente admissível e totalmente gerador de conformidade, embora nunca seja completamente atingido, pois sempre lhe fica um pequeno amargo na boca, ao qual se dá o nome de *Penisneid*, prova de que isso não funciona de maneira realmente rigorosa.

Trata-se da assunção das funções masculinas e femininas, não apenas em relação à reprodução, mas também ao que está em jogo nas relações entre homem e mulher. A mulher, diz Lacan, abre mão de uma parte da sua feminilidade para ser o objeto de desejo do Outro. Ela pretende ser amada e desejada pelo que ela não é, e encontrará o significante do seu próprio desejo no corpo daquele a quem endereçará sua demanda de amor.

2.3 A MULHER COMO SEMBLANTE

A obra de Lacan, como foi mencionada anteriormente, foi dividida em três momentos, e destacamos o primeiro momento da retomada da letra freudiana, feita pelo autor como forma de tirar o discurso psicanalítico da imersão no imaginário. O simbólico é enfatizado, principalmente na tentativa de construir uma teoria que distanciasse o falo como o real do órgão peniano e suas implicações; assim como esforço para o distanciamento nas relações ditas objetais, ou seja, a relação com os primeiros cuidadores tomadas na sua concretude que geraria um imaginário de idealização que seria discrepante com os fundamentos da psicanálise. “Uma noção de carência afetiva, ligando sem intermediação às falhas reais dos cuidados maternos os distúrbios do desenvolvimento, é reforçada por uma dialética de fantasias das quais o corpo materno é o campo do imaginário” (LACAN, 1998, p. 734).

Lacan introduz o falo como significante que tem lugar no discurso do Outro. O falo é o representante da falta que indica a diferença sexual, agora não mais ordenada como ter ou não ter o pênis, mas sim como ter ou ser o falo. Em Freud, a saída edípica se dá no plano imaginário, no real do corpo, o que muda em Lacan com a metáfora paterna incidindo em menino e meninas.

Apesar desse passo a mais, se assim podemos dizer, que é dado por Lacan, a relação da psicanálise com a mulher e com o feminino não deixou de ser complexa. Nesse primeiro momento da obra, percebe-se o esforço de Lacan para tirar a psicanálise desse viés imaginário, porém o Édipo continua sendo um tema intrincado quando se trata da mulher. A partir do seu último ensino, no qual acentua-se a virada para o Real, é que podemos vislumbrar uma saída diferente no que concerne à mudança da sexualidade para a sexuação. Todavia, como não iremos abordar esse ponto, daremos o enfoque ao trajeto feito do falo como significante até o conceito de semblante.

É notável o trabalho de Lacan na construção de uma teoria sobre o simbólico, inicialmente, e depois um resgate do imaginário que havia ficado de lado desde seu trabalho sobre o estágio do espelho.

É inegável que a elaboração da noção de Real é fundamental para situar a psicanálise nas discussões atuais, e parece que o estudo massivo das últimas hipóteses de Lacan confirma

isso. Assim, a construção que Lacan faz ao longo dos anos, que implica o afastamento da teoria edipiana e a construção de uma teoria dos discursos, é de uma importância singular, justamente neste momento de discussões acerca do gênero, do feminismo etc. Contudo, esses são temas que não serão trabalhados nesta dissertação. Daremos enfoque ao primeiro ensino da obra lacaniana por se tratar de um trabalho sobre o conceito de complexo de Édipo, e também por não haver tempo suficiente para o aprofundamento que uma teoria tão complexa exigiria.

A introdução do conceito de Simbólico e todas as suas implicações – como a referência à função materna e não mais à mãe; a função paterna e a metáfora paterna; a constituição do sujeito através do Outro; e o *eu* como imagem especular constituída no estágio do espelho – revelam-se um grande avanço que possibilitou que a psicanálise se constituísse como um discurso para além dos padrões de normatividade, seguindo a trajetória iniciada por Freud. “Se na década de 1950 foi por meio da ordem simbólica que surgiu o desejo e o sujeito, da década de 1970, foi do real e do gozo que Lacan pensou a sexualização humana, ou como se diferenciam os sexos no inconsciente” (FRANÇOIA, 2018, p. 62).

A teoria lacaniana, então, traz à baila o falo simbólico, o falo como significante, para além do imaginário como presença no órgão. Esse falo pode multiplicar-se em vários objetos, como sendo os seus representantes, mas nada realmente ocupa seu lugar. Lacan deu uma nova roupagem ao falo, porém manteve, ao menos nos primeiros anos, o falocentrismo freudiano para dizer acerca do homem e da mulher.

Nesse ponto, Lacan retoma, condensa e esclarece a tese freudiana, ao mesmo tempo que se esforça por apreender sua inteligibilidade: não é do pênis que se trata, mas do falo, ou seja, de um significante que, como todo significante, tem lugar no discurso do Outro, sempre trans-individual. Exceto por essa conversão, que, em certos aspectos, muda tudo no que ele mesmo chama de ‘a querela do falo’, Freud e Lacan parecem caminhar de mãos dadas para afirmar o ‘falocentrismo’ no inconsciente (SOLER, 2005, p. 27).

O falo é o significante da falta que representa a diferença sexual e a falta-a-ser que a linguagem institui para homens e mulheres. Com isso, a falta é equivalente para os dois sexos, o que faz com que homens queiram ter e mulheres queiram ser. “[...] a falta fálica da mulher vê-se convertida no benefício do ser o falo, isto é, aquilo que falta ao Outro” (SOLER, 2005, p. 28). Lacan evidencia a castração, a falta-a-ser, em homens e mulheres, que farão cada um a seu modo um trajeto para uma identidade masculina e feminina.

A mulher, “quanto a tudo o que está na linha de seu desejo, ela se vê ligada à exigência implicada na função do falo – a de ser, até certo grau, que é variável, esse falo, na medida em que ele é o próprio signo do que é desejado” (LACAN, 1958/1999, p. 393). A mulher identifica-se, então, com o ser o falo como resultado da metáfora paterna, pois “o falo é elevado à posição de significante do desejo, do desejo do Outro, identificar-se ao falo é, para uma mulher, colocar-se como desejável para um homem” (TEIXEIRA, 1991, p. 21).

Para Lacan, o menino se identifica com a virilidade paterna, as *insígnias* do pai, que são da ordem de um traço e que serão utilizadas mais tarde para o relacionamento com outras mulheres. Já para as meninas, há uma privação do traço, pois este está do lado do pai, e a mãe não pode mostrar-lhes um traço que venha da feminilidade.

Inversamente, quanto a tudo o que está na linha de seu desejo, ela se vê ligada à exigência implicada na função do falo – a de ser, até certo grau, que é variável, esse falo, na medida em que ele é o próprio signo do que é desejado. Por mais *verdrängt* que possa ser a função do falo, é justamente a ela que correspondem as manifestações do que é considerado feminilidade. O fato de ela se exhibir e se propor como objeto do desejo identifica-a, de maneira latente e secreta, com o falo, e situa seu ser de sujeito com o falo desejado, significante do desejo do Outro. Esse ser a situa para além do que podemos chamar de mascarada feminina, já que, afinal, tudo o que ela mostra de sua feminilidade está ligado, precisamente, a essa identificação profunda com o significante fálico, que é o que está mais ligado à sua feminilidade (LACAN, 1999, p. 363).

Desse modo, o ser mulher é ampliado para além do ser mãe, para além de Freud. No entanto, a mulher a teoria lacaniana ainda precisa lidar com a falta de garantias. Assim, a mulher estará suscetível ao uso de saídas para essa falta, portanto, ser o falo para um homem implica em utilizar artifícios para ocupar esse lugar. No seminário sobre a angústia, que data de 1962-1963, Lacan (2005, p. 211) faz algumas referências a esse ponto:

Para a mulher, o desejo do Outro é o meio para que seu gozo tenha um objeto, digamos, conveniente. Sua angústia se dá apenas diante do desejo do Outro, que, afinal de contas, ela não sabe muito bem o que encobre. Para ir mais longe em minhas formulações, direi que, no reino do homem, há sempre a presença de alguma impostura. No da mulher, se existe algo correspondente a isso, trata-se de uma farsa – como já dissemos, no devido tempo, com referência a um artigo de Joan Riviere, mas isso é outra coisa inteiramente diversa.

O termo *mascarada feminina* foi pronunciado pela primeira vez pela psicanalista Joan Riviere (1983-1962) no texto “A feminilidade como mascarada”, de 1929. Riviere (2005, p. 13) relata “um caso clínico de uma mulher intelectual muito bem-sucedida como profissional, mãe, esposa e dona de casa, e que sofria com uma ansiedade por reconhecimento logo após suas apresentações profissionais em público”. Para a psicanalista, o sintoma estava ligado a fantasias edipianas inconscientes, logo, tratava-se de uma possível retaliação advinda do pai

em decorrência de seu sucesso profissional. A paciente utilizaria do coquetismo e da sedução como máscara para conter a retaliação paterna, e também a criação de uma identidade que burlaria a posse do falo. Seria um jogo de aparência de fragilidade para disfarçar a sua potência. “Se a mulher de Riviere não prescinde do coquetismo, ela o encena como uma maneira de se des-culpar pela posse do falo, pelo domínio das faculdades cognitivas e a livre demonstração de inteligência” (MARANHÃO, 2008, p. 69).

As mulheres utilizariam desse artifício, da mascarada, para garantir uma identidade que não é dada de saída, pois elas não têm as insígnias, o significante que diga sobre o feminino. Então o feminino precisaria da máscara para dar conta da sua falta-a-ser. Para a psicanalista britânica, não existe diferença entre a feminilidade genuína e a máscara: “Minha sugestão é, entretanto, a de que não existe essa diferença: quer radical ou superficial, elas são a mesma coisa” (RIVIERE, 2005, p. 17).

No que tange à *Penisneid*, Lacan (2005, p. 221) pontua que a mulher segue reivindicando o falo até o fim à mãe, e o Édipo servirá para isso, “não se trata de ser mais forte ou mais desejável que mãe – pois se dá conta bem depressa de que o tempo trabalha a seu favor –, mas de ter o objeto”. Trata-se de dar um lugar para a mulher além da maternidade, entretanto, agora a mulher precisa do homem para ser mulher, pois ela é constituída pelo que não tem.

Se há uma coisa que concretiza a referência ao não especularizável que destaquei no ano passado, é justamente o gesto dessa garotinha, com a mão passando rapidamente sobre o gama formado pela junção do ventre com as duas coxas, como que num momento de vertigem diante do que via.

Já o menino, pobrezinho, olha para a torneirinha problemática. Desconfia vagamente de que há uma esquisitice ali. Depois, será preciso que aprenda, e o faça à sua custa, que aquilo que ele tem ali não existe, comparado ao que têm o papai, os irmãos mais velhos etc. (LACAN, 2005, p. 223)

Ainda nesse texto, ele compara a mulher à tecelã e o homem ao oleiro. E argumenta que a linha está para a agulha assim como a menina para menino, não é natural. A mulher se coloca com a aparência de objeto para o homem e, este acredita que ela abarca o objeto. “A mulher se apresenta com a aparência do vaso, é claro, e evidentemente é isso que engana o parceiro, o *Homo faber* em questão, o oleiro. Ele imagina que o vaso pode conter o objeto de seu desejo” (LACAN, 2005, p. 224). As concepções de homem e mulher, portanto, estão estritamente ligadas à relação de um com o outro, entre ter e ser, como um semblante.

É certo que o comportamento sexual humano encontra facilmente uma referência na exibição, tal como definida no nível animal. É certo que o comportamento sexual

humano consiste numa certa manutenção desse semblante animal. A única coisa que o diferencia dela é que esse semblante seja veiculado num discurso, que ele é levado, permitam-me dizer, para algum efeito que não fosse semblante. Isso significa que, em vez de ter a refinada cortesia animal, sucede aos homens violar uma mulher, ou vice-versa (LACAN, 2009, p. 31).

O conceito de semblante em Lacan diz respeito à aparência, ao parecer ser, entretanto, não se aproxima do que se entende como fingimento ou como o que não é verdadeiro. Ao contrário, o semblante “vem a ser a função primária da verdade” (LACAN, 2009, p. 23). Dunker comenta sobre a conceituação do semblante na obra lacaniana, onde, inicialmente, na primazia do simbólico, a noção de aparência constituía um engodo imaginário que remetia à aparência narcísica e que servia como obstáculo a ser combatido nas análises. Todavia, no Seminário 18, Lacan se reconcilia com a dimensão da aparência e passa a conceber que há algo de fundamental e estruturante nessa dimensão. “O apoio do semblante, na verdade, constitui-se de forma condicional, ou seja, um semblante só pode fazer sua função de semblante em um discurso pois está suportado pela verdade” (DUNKER, 2017, p. 67).

A verdade não é o contrário do semblante. A verdade é a dimensão ou *diz-mansão*¹² – se vocês me permitirem criar uma nova palavra para designar esses godês – estritamente correlata àquela do semblante. A diz-mansão da verdade sustenta a do semblante (LACAN, 2009, p. 25).

Lacan coloca homem e mulher em relação um com o outro no jogo de parecer, isto significa que é importante a relação com a outra parte nesse jogo do ter e ser o falo. No homem, a mulher faz surgir a verdade em relação ao gozo sexual, “a mulher está em condições de pontuar a equivalência entre o gozo e o semblante” (LACAN, 2009, p. 33). Para o homem, o gozo e o semblante se equivalem numa dimensão do discurso. A mulher é o Outro, e ela sabe sobre a disjunção entre gozo e semblante, por isso ela pode ocupar esse lugar de semblante para o homem. “Quando se trata de uma mulher, não é a mesma coisa, porque a mulher tem uma enorme liberdade com o semblante. Consegue dar peso até a um homem que não tem nenhum” (LACAN, 2009, p. 34).

Dunker (2017) acrescenta que, para o homem, a mulher representa a verdade que é acessível somente pela via do semblante, por conseguinte, a mulher coloca à prova a função do semblante do homem. O homem pode ser medido pela mulher que ele consegue suportar, ou seja, ele “vale pela mulher que escolheu, mas a mulher não vale pelo homem” (Ibid., p.

¹² Essa é uma expressão por meio do qual Lacan joga com a homofonia. No original em francês “dit-mansion”, e na tradução para o português utiliza-se “dimensão” e “diz-mansão”, ou mesmo “mansão do dito” (KRINSKI et al, 2019).

74). Essas pontuações, polêmicas, serão as balizas para formulações importantes do último período da obra lacaniana, que apontam que a mulher representa a verdade não-toda.

Nessa época, afirma Dunker (2017), Lacan, partindo do significante, começa a desestabilizar o que significa homem e mulher, algo que até então ele havia construído principalmente com a teoria dos três tempos do Édipo. “Entretanto, a partir do Seminário XVIII, as coisas começam a mudar. Jacques Lacan estava pensando em uma maneira de ampliar a questão sem transgredir o que ele tinha falado em Instância da Letra [...]” (Ibid., p. 77).

No Seminário XVIII, no capítulo intitulado O Homem e a Mulher, o pensamento lacaniano defende que um menino se torna menino antes do complexo de Édipo e reconhece que uma menina já é uma menina mesmo antes da fase fálica. Com essas elaborações, Jacques Lacan acaba por decretar uma falência da teoria do complexo de Édipo na formação da sexuação (DUNKER, 2017, p. 77).

A partir dessas mudanças, que irão culminar na teoria do Real e na construção da tábua da sexuação, Lacan está iniciando uma ruptura ainda mais radical com a teoria edipiana proposta por Freud. Nos anos 1950, verifica-se a transformação do pênis em falo, através da primazia do simbólico.

Está aí a marca subversiva da obra lacaniana. Ele avança na psicanálise e tira o falo como o único organizador da sexualidade ao afirmar que nem toda a sexualidade é fálica. Rompe com a explicação edipiana da aquisição identidade sexual. Lacan põe fim ao regime da inveja do pênis quando a criança do sexo feminino é submetida ao Édipo e à castração (FRANÇOIA, 2018, p. 76).

Soler (2005) nos coloca claramente esse trajeto lacaniano que, na tentativa de protestar, passou inicialmente a remanejar os termos freudianos. “O falo, significante da falta, efetivamente se presta para representar, além da diferença sexual, a falta-a-ser gerada pela linguagem pra todo e qualquer sujeito, e com isso é restabelecida a paridade na falta” (p. 28). Posteriormente Lacan introduz uma nova distinção, onde as relações entre os sexos giram em ser ou ter o falo. Todavia, a mulher só pode ser o falo quando pensada em relação a um outro, no caso, o homem, e nunca por si só. Mesmo protestando e tentando se afastar de Freud, Lacan retira a mulher da saída da feminilidade pela via da maternidade, porém a coloca diante do homem como sendo a representante do que lhe falta e depois o objeto causa de seu desejo.

3. A ATUALIDADE DO ÉDIPO

Se o ano de 1900 marca o início da psicanálise, assim como desejou Freud ao lançar “A interpretação dos sonhos”, então estamos há mais de um século falando sobre a mulher e o feminino através do discurso psicanalítico. Percorremos a teoria psicanalítica apontando vários aspectos no que concerne ao tema proposto, caminhando por seus avanços e percalços. Percebemos que as mulheres fazem parte dessa trajetória. Desde os primórdios, elas apontaram o inconclusivo da condição humana para Freud, e este não recuou, ao contrário, criou uma nova forma de estar no mundo. Sua teoria sobre o inconsciente alterou de forma profunda a condição humana.

Do encontro de Freud e as histéricas resultou a introdução de um novo significante: a psicanálise. E o debate ganhou novos rumos, pois não era questão de saber se a histeria era uma neurose natural ou artificial, mas sim buscar-lhe a causa inconsciente, os caminhos da formação do sintoma (POLLO, 2016, p. 9).

A audácia da psicanálise freudiana foi colocar as pacientes histéricas para falarem de seu sofrimento. Com isso, abriu-se um novo campo do conhecimento racional, no qual inverteram-se os papéis tradicionais do falante e do ouvinte.

Todavia, mesmo dando um novo lugar às mulheres, a psicanálise permaneceu perpetuando um discurso de diferença e de mistério, referindo-se à mulher/feminilidade como um continente negro que não pode ser completamente conhecido, além de aquiescer com o discurso social de sua época, que almejava, para a mulher, a maternidade, os cuidados domésticos ou os afazeres que exigiam pouca intelectualidade. Toril Moi complementa essa linha de pensamento ao afirmar que:

[...] a situação psicanalítica está eivada de paradoxos e dificuldade. Pois, se o ato de escuta de Freud (e de Breuer) representa um esforço de incluir o discurso irracional da feminilidade no campo da ciência, ele também incorpora a esperança de estender sua própria compreensão racional do fenômeno psíquico. Compreendendo a lógica do inconsciente, eles desejam torná-lo acessível à razão (MOI, 1997, p. 264).

O que essa autora aponta, e com o que concordamos, é que há um antagonismo dentro da própria psicanálise, que é concomitantemente revolucionária e colonizadora, de modo que há um esforço para que o feminino apareça e, ao mesmo tempo, está se “reprimindo a ameaçadora presença do feminino no processo” (MOI, 1997, p. 264).

Lacan, no primeiro tempo de seu ensino, ousou dizer que o falo como significante não é o pênis, e que a posição de homens e mulheres não está em ter ou não o falo, mas sim em ter

ou ser o falo. O autor afastou o destino da mulher reduzido a ascender à feminilidade unicamente pela via da maternidade, porém, mesmo dando um novo lugar a ela, Lacan, tal qual Freud, permaneceu falando de um objeto e não propriamente da mulher. A feminilidade, nesse início da teoria lacaniana, seria alcançada pela mulher que se arranjasse no desejo de um homem. Nesse primeiro momento, Lacan perpetua o escândalo freudiano.

Não obstante, de forma condensada e apesar das nuances, podemos dizer que, para Freud, ao forjar o mito de Édipo, tornar-se homem ou mulher, com as diferentes modalidades de desejo e gozo implicadas, é uma questão de identificação e, portanto, de assimilação de modelos sociais (SOLER, 2009, p. 17).

Conforme Soler, esse caminho Lacan deixou para trás “após anos dedicados a reformular e racionalizar, em termos de linguagem, a problemática edípica de Freud” (SOLER, 2009, p. 138). Lacan avança para sua teoria do Real e da sexuação, instaurando duas novas categorias: o gozo fálico e o gozo não-todo. Seriam duas modalidades que estão relacionadas mais ao campo da experiência do que da identidade, que apontam para nosso *des-cer*, como fracasso, diferente da ideia de unidade e consistência. Essa dimensão do Real estaria atrelada às dimensões Imaginária e Simbólica, possibilitando uma nova forma de pensar acerca da mulher e do homem. O que não será abordado nesta dissertação, porém ressaltamos que o trajeto de Lacan para além do Édipo é longo, e que a discussão sobre a mulher não se finda nesse primeiro momento de sua teoria.

A mulher e o feminino denunciam que a trajetória edípica não dá conta de formular uma verdade absoluta sobre a sexualidade humana. Todavia, o conceito formulado por Freud não perdeu sua força na contemporaneidade, graças a sua contundente dissociação da sexualidade humana da determinação biológica que se propunha a garantir a reprodução e o encontro entre homens e mulheres. O conceito freudiano de sexualidade subverteu a lógica e trouxe à tona o recalcado da humanidade, aquilo que não cessa de se inscrever, que é sua incompletude.

Contudo, os conceitos psicanalíticos estão sendo repensados nesses 122 anos de sua criação, e as mulheres têm grande contribuição nisso, seja por sua condição apontar um furo, ou por sua insubordinação ao discurso vigente, como fizeram as históricas e as mulheres dos movimentos feministas. As mulheres têm falado muito através da psicanálise, desde seus primórdios temos mulheres pensando e construindo a psicanálise. Podemos ressaltar o quanto Melanie Klein foi corajosa e insubordinada ao atender crianças muito novas com diagnóstico grave de psicose, o que Freud anunciava não poder ser alcançado pela psicanálise. Também

podemos citar, além de Klein, outras psicanalistas como Helene Deutsch e Karen Horney, que denunciavam o caráter falocêntrico da trama edípica.

Se se alegava que Freud era interessante por desenvolver uma teoria que sustentava que o processo de constituição do sujeito como homem ou mulher é histórico ou cultural, na forma da trama edípica; por outro lado, também se delatava seu caráter falocêntrico e mantenedor da subordinação da mulher a partir da pressuposição de que a diferença anatômica prescrevia a ela menor valor e inferioridade de condições quando comparada ao homem (COSSI, 2018, p. 24).

O processo de passagem pelo percurso edípico possibilita uma construção do tornar-se mulher, porém a sua definição não deixou de criar uma possível natureza das sexualidades, ou seja, uma essência da feminilidade. A psicanálise acabou por reafirmar o lugar das mulheres como “objetos de uma produção de saberes de grande consistência imaginária, a partir da qual se estabeleceu a verdade sobre sua natureza” (KEHL, 2016, p. 14). À mulher freudiana, atrelou-se a possibilidade de alcançar a feminilidade abdicando de sua masculinidade inicial e, assim, alcançando a gratificação no ser mãe e na posse de um objeto que seria seu, um filho. Freud reproduziu a fantasia de feminilidade de sua época, ou de sua própria fantasia, como aponta Maria Rita Kehl em “Deslocamentos do feminino” (2016):

Mesmo assim, Freud parece ter recusado as evidências de que nenhuma mulher é capaz de encarnar A Mulher. Seus textos do fim da vida oscilam entre a decepção – a psicanálise seria incapaz de curar as mulheres, desajustadas dos ideais da feminilidade? – e a perplexidade – afinal, quem pode saber o que quer uma mulher? A insistência nesse não saber sugere, a meu ver, o funcionamento de um mecanismo de negação por parte do criador da psicanálise (KEHL, 2016, p. 153).

Na mesma via, “Lacan estigmatizou o ‘escândalo’ do discurso analítico. Com isso designou a incapacidade de pensar o que é próprio da feminilidade e, mais ainda, o ‘forçamento’ freudiano, que não soube fazer mais que transpor para as mulheres a ‘toesa’ que valia para o homem” (SOLER, 2005, p. 15).

A travessia edípica é uma aventura revolucionária se pensada pelo viés da transmissão herdada por todo sujeito de linguagem e pelo encontro traumático com o outro responsável pela humanização do infans. Há várias formas de organização dos seres sexuados, assim como proliferam nomes atualmente para tentar abarcar todas as possibilidades de sexuação humana. “É a partir da travessia edípica que nos tornamos sexuados, marcados pela identificação de padrões e ideais considerados próprios ao gênero, os quais nos garantirão a pertinência imaginária a um grande subgrupo humano – o dos homens ou o das mulheres” (KEHL, 2016, p. 11).

3.1 O ÉDIPO OBSOLETO

A psicanálise trouxe a novidade da polimorfia inicial, dando à sexualidade as mais variadas formas de se estabelecer, pois a pulsão só faz contornar o objeto, que pode ser qualquer um. Porém, o Complexo de Édipo encaminha a sexualidade humana e, principalmente para as mulheres, há uma normatização das “[...] relações, hierarquizando lugares e prescrevendo a assunção ideal da identidade sexual” (FRANÇOIA, 2018, p. 122). O primeiro momento do ensino de Lacan, mesmo pautado na simbolização do pênis, reafirma essa normatização “[...] quando diz que o menino deve identificar-se ao pai, que tem o pênis e que a menina deve saber que quem tem o pênis são os homens” (FRANÇOIA, 2018, p. 122).

Para Françaia, conceitos como a falta fálica, a inveja do pênis, o complexo de Édipo e de castração são fundamentos freudianos do núcleo feminino que respaldam uma hierarquização dos sexos, colocando a mulher como signo de menor valor. “A psicanálise produziu o novo com o inconsciente, ao mesmo tempo em que perpetuou a demarcação e as atribuições que garantiram a inferioridade das mulheres, sua loucura e reforçaram seu destino na natureza materna” (FRANÇOIA, 2018, p. 123).

Podemos repensar que o falocentrismo freudiano não criou esse lugar de menos valia para as mulheres, mas o reafirmou, ou seja, Freud não conseguiu ir além do constructo criado no seu tempo para as mulheres, por exemplo, ao mencionar no texto sobre a feminilidade que uma mulher aos 30 anos de idade possuía uma fixidez egoica, uma rigidez psíquica que estaria associada ao seu percurso para a feminilidade. Essa rigidez não foi tomada como a confluência do caminho da mulher até a feminilidade, que sofria a influência de uma época.

Um homem em seus 30 anos parece um indivíduo jovem, e até mesmo imaturo, de quem esperamos que aproveite firmemente as possibilidades de desenvolvimento que a análise lhe oferece. Mas uma mulher da mesma idade muitas vezes nos assusta por sua rigidez psíquica e imutabilidade. Sua libido assumiu posições definitivas e parece incapaz de abandoná-las por outras. Não há caminhos disponíveis para continuar o desenvolvimento; é como se o processo todo já estivesse concluído e permanecesse, a partir de agora, ininfluenciável; é como se o difícil desenvolvimento para a feminilidade houvesse esgotado as possibilidades da pessoa (FREUD, 1933/2018, p. 341).

A inadequação da histeria era a rebelião contra as normas excessivamente rígidas de uma época na qual à mulher não cabiam muitos caminhos que não fossem os da obtenção de prazer na vida materna e doméstica. Há um paradoxo dentro da psicanálise que, ao mesmo

tempo, aliena a mulher a narrativas repletas de preconceitos, porém, por outro lado, é um discurso que possibilita subverter as lógicas de dominação, viabilizando que mulheres se posicionem de outras maneiras.

Para Colette Soler, o Édipo freudiano produz o homem, mas não produz a mulher. Lacan, por sua vez, não refutou completamente essa lógica, mantendo-a, entre aproximações e afastamentos. A psicanalista francesa aponta o esforço de Freud em conceber uma teoria que se afastasse da desnaturação do sexo no ser humano e, portanto, convoca o Édipo para explicar o tornar-se homem ou mulher. “O mito visa fundar o par sexual, através das proibições e dos ideais do sexo” (2005, p. 26). A menina, ao descobrir-se castrada, privada do pênis, torna-se mulher quando aceita que o falo virá do homem em forma de bebê.

A feminilidade da mulher deriva de seu “ser castrada”: mulher é aquela cuja falta fálica a incita a se voltar para o amor de um homem. Primeiro é o pai, ele próprio herdeiro de uma transferência de amor primordialmente dirigido à mãe, e depois ao cônjuge. Em resumo: ao se descobrir privada do pênis, a menina torna-se mulher quando espera o falo – ou seja, o pênis simbolizado – daquele que o tem (SOLER, 2005, p. 26).

Soler aponta que a castração promoveria uma identificação ideal condicionada à ascensão do par heterossexual e à maternidade, sendo que o destino para as mulheres seria ser mulher de um homem, e seu desejo seria apenas uma variação do ter o amor de um homem ou o filho. “Ela o espera de um homem, especialmente sob a forma do filho. Não renuncia, mas consente em passar pela mediação do parceiro. Assim, no fundo, a mulher freudiana é aquela que concorda em dizer: obrigada” (SOLER, 2005, p. 34). “Daí a parcela de abuso que há na posição freudiana, muito normativa e, portanto, também obsoleta” (SOLER, 2005, p. 30).

A filósofa Léa Silveira também coloca em questão os conceitos psicanalíticos quando aponta que o pensamento freudiano é uma possibilidade do feminino, e que a psicanálise fundamenta que a sexuação é um processo e não algo natural, dado de saída no nascimento. “Mas, por outro lado, não podemos negligenciar o fato de que as últimas considerações de Freud sobre a sexualidade feminina apresentam teses inapelavelmente inaceitáveis” (SILVEIRA, 2021, p. 6). É sabido que nesses textos Freud afirma que a mulher está na contracorrente da civilização devido ao seu superego fraco, o que para essa autora é um indício da própria concepção preconceituosa de Freud em relação às mulheres.

Para a filósofa, ainda, Freud é pontual quando argumenta que a mulher precisa tornar-se uma mulher, e que a problemática não está tanto em relação ao fato de ter ou não ter o pênis, mas sim na forma como isso é apreendido, na qual “pretende respaldar a inferiorização

da mulher” (SILVEIRA, 2021, p. 8). A anatomia é tomada para construir “um conjunto de valores morais, políticos e sociais, incorporando, reeditando e mesmo produzindo elementos profundamente normativos” (SILVEIRA, 2021, p. 8). Logo, há uma contradição no discurso que fornece elementos emancipatórios para a mulher enquanto consolida sua condição de subalternidade, portanto, faz-se necessário o diagnóstico sobre a situação da mulher no final do século XIX e início do XX, bem como a constatação do mal-estar como estruturante da civilização. “Freud parte, assim, de uma abertura de escuta tão fecunda, promovida no início de seu percurso junto à histeria, para chegar, naquilo que toca a questão de feminilidade, a um ponto tão completamente preso aos preconceitos de sua época” (SILVEIRA, 2021, p. 10).

Portanto, nas teorias sobre a diferença sexual entre homens e mulheres, há muito mais que elementos de simplicidade no que tange ao caminho percorrido pelos homens, ou seja, quando falamos sobre a sexualidade feminina, adentramos nos impasses da própria teoria e da não superação da moral sexual de sua época. Mesmo que contrariamente, a psicanálise apontou para o repúdio ao feminino como algo intrínseco à nossa cultura.

O problema é a insistência em dizer – de uma maneira que nunca chega a se fundamentar – que esse lugar é, para o bem e para o mal, o do feminino. Mais do que isso, como vimos em Freud, esse lugar é irredutivelmente vinculado a um dado anatômico, de modo que, como diria Beauvoir, ele é tomado como algo, afinal, de algum modo, determinante do destino das mulheres (SILVEIRA, 2021, p. 28).

Novamente, Léa Silveira (2021) nos faz questionar o conceito edipiano como operador clínico fundamental na psicanálise, assim como Soler ao afirmar que o Édipo é obsoleto, porquanto não é o conceito em si que é antiquado, mas suas constatações, principalmente no que se refere à mulher e ao feminino. Também não se trata de refutar a teoria freudiana, aliás, não há necessidade de apontar novamente sua grande importância, uma vez que seus conceitos já fazem parte da cultura, mas trata-se de manter “a psicanálise em um lugar que, na verdade, sempre foi o seu: o lugar de fazer uma leitura do nosso tempo” (SILVEIRA, 2021, p. 9).

Maria Rita Kehl também segue essa linha de raciocínio, ressaltando a importância de Freud no que tange ao percurso do tornar-se homem ou mulher, e afirma que “o conjunto de suas investigações sobre a sexualidade não escapa das tentativas científicas de estabelecer a natureza das sexualidades masculina e feminina e, a partir dela, encontrar a verdadeira essência da masculinidade e da feminilidade (KEHL, 2016, p. 11). A psicanálise está imersa em um contexto que faz surgir o homem moderno, o homem neurótico da psicanálise, ou seja, um contexto social que irá transparecer na construção da teoria.

Assim, cada vez que um psicanalista, depois de Freud, sustentar que existe um ponto impossível de desvendar sobre o querer das mulheres, devemos lhe responder, como Sócrates: “Indaga-te a ti mesmo”. Só o que um homem recusa saber sobre seu desejo é capaz de produzir o mistério sobre o objeto a que ele se dirige, o desejo de uma mulher (KEHL, 2016, p. 16).

Para Kehl (2016), o problema estava na questão de a natureza feminina ser uma verdade do desejo dos homens que estavam à frente das formações ideológicas modernas, como a medicina, a filosofia e também a psicanálise, pois esta nascera nesse contexto. O percurso de Freud, para a autora, foi uma trajetória do suposto saber até a confissão de uma ignorância que indica um produto de uma denegação do psicanalista de algum mistério não revelado pelas mulheres, suas analisandas e também suas colegas psicanalistas.

A polêmica que acompanhou a teoria da sexualidade com a passagem pelo Édipo fez com que a psicanálise recebesse duras críticas e, com isso, revisasse o estatuto edipiano de formador da binaridade homem e mulher. Psicanalistas abordam o conceito de complexo de Édipo como aquele que possibilita o entrelaçamento do singular, do individual e do social, viabilizando a passagem de um ser assujeitado para um ser social e falante, assim como a assunção de uma posição subjetiva diante da sua existência.

3.2 O ÉDIPO PERSISTE

O conceito edipiano analisado possui um viés revolucionário, dado que retira a sexualidade humana da concepção puramente biológica, contudo, sabe-se que o conceito apresenta problemas, como foi debatido no transcorrer desta dissertação. A mulher foi o ponto de embaraço da questão, ao mesmo tempo aliada ao desenvolvimento de uma teoria do inconsciente e promotora de um ponto de insurreição. Deste modo, faz-se necessária uma releitura desse conceito, tomando-o a partir da subjetividade de nossa época.

O que se estabeleceu até o momento é que a sexualidade humana não pode ser atrelada a conceitos normativos, principalmente no que diz respeito a uma adequação entre homem e mulher, num ordenamento heteronormativo tomado como natural. E apesar dos pontos de antagonismo da psicanálise, ela já se consagrou como uma potente teoria que “questiona e desloca noções tradicionais das relações sujeito-objeto” (MOI, 1997, p. 266). Assim, a psicanálise desconstrói modelos de opostos binários, homem e mulher, que se complementam,

visto que a anatomia nos diz sobre machos e fêmeas, todavia não há um instinto que dirija o ser humano em direção ao sexual. Não há instinto, pois não há sujeito fora do simbólico.

O ponto de crítica a Freud está atrelado ao destino que ele dá à passagem da mulher pelo Édipo, no qual ele reafirma o lugar da mulher de submissão a uma ordem patriarcal, ao passo que ele denuncia esse lugar de sofrimento ao qual as mulheres são impostas, sustentando a maternidade como único destino possível para a ascensão à feminilidade. Com Lacan, pudemos acompanhar sua trajetória na ampliação do conceito, isto é, seu novo pensar acerca do Édipo. Ele retira a maternidade do lugar de única saída para a ascensão à feminilidade, mas coloca a mulher ainda em relação de dependência, agora com o homem, pois, para ele, nesse momento de sua teoria, a mulher ascenderia à feminilidade se colocando como objeto de desejo do homem, sendo o falo. Acentuamos o primeiro momento da teoria lacaniana no qual o conceito foi retomado sob o viés do simbólico, tão destacado por Lacan. Nesse momento, já era possível observar o avanço obtido com o deslocamento da figura de pai e mãe para as funções materna e paterna. “Lacan lê Freud à luz do debate com outros campos da atualidade de seu tempo. Nesse sentido, o Édipo pode ser revisto levando-se em conta fundamentos epistemológicos que permitem manter o que Freud pensou e ainda tratar de problemas que sua teoria produziu” (ESTEVÃO, 2021, p. 66).

Lacan revigora o conceito edipiano ressaltando o simbólico nessa construção, concluindo que para todo ser humano não há um instinto que governe, pois somos seres de linguagem. Para Ana Laura Prates Pacheco (2017), o primeiro tempo da teoria lacaniana, nos anos 1950, foi a primeira escrita da *sexuação*¹³, na qual Lacan era anti-freudiano, sustentando que a anatomia não é o destino, e freudiano ao colocar o falo como a referência a partir da qual o ser humano constrói sua identidade sexual. Portanto, Lacan retoma os conceitos freudianos à medida que avança a partir deles.

Podemos ressaltar que a leitura estruturalista do Édipo freudiano feita por Lacan produz um afastamento e uma aproximação dos dois psicanalistas, num movimento de subversão da linguística estrutural. A teoria dos três tempos do Édipo, elaborada no primeiro

¹³ “Entendendo que houve muita indefinição e limitação por parte de Freud relativamente à *sexualidade*, Lacan considerou necessário criar outros nomes e conceitos que alargassem o espectro dos fenômenos ligados à sexualidade. Assim, introduziu o conceito de *sexuação* para designar que, além da sexualidade biológica, esse termo procura enfocar a forma como são reconhecidos e diferenciados os dois sexos pelo inconsciente, especialmente no que diz respeito ao **complexo de castração**, à **sexualidade da mulher**, à diferença entre os sexos, e a importância da noção de falo” (ZIMERMANN, 2008, p. 383, grifos no original).

ensino de Lacan, marcado por seu retorno a Freud, propõe uma nova interpretação acerca da constituição do sujeito, isto é, o conceito ganhará estatuto estritamente simbólico, o de organizador da estrutura psíquica. A entrada na ordem simbólica, que já está colocada, separa o ser humano de sua condição natural e o introduz no registro de uma lei.

Outro ponto de avanço seria a criação do neologismo¹⁴ *sexuação*, em vez de *sexualidade*, na intenção de evidenciar que, para os seres de linguagem, a diferença sexual não é dada de saída, por um instinto ou pelo desenvolvimento, mas sim por um percurso, um longo processo psíquico que leva o ser falante a se posicionar diante do sexo.

Todavia, apontamos que, mesmo avançando nos postulados freudianos nesse primeiro momento de seu ensino, Lacan não avança a ponto de outorgar à *sexuação* feminina um novo estatuto. Essa questão é retomada no segundo e terceiro momentos de seu ensino.

Apesar de Lacan realizar um corte – no sentido canguilheniano do termo – com postulados freudianos acerca do complexo de Édipo enquanto mito, transpondo-o aos elementos da estrutura de linguagem, até o fim do seu primeiro ensino ele não avança o suficiente para inculcar à *sexuação* feminina um novo estatuto que não a restrinja à lógica fálica – lógica do todo (QUEIROZ de PAULA, 2013, p. 17).

Assim, o conceito do complexo de Édipo ganha um novo estatuto com a reformulação lacaniana dos três tempos, reafirmando a sua importância até os dias de hoje, pois se trata de uma teoria acerca da constituição psíquica e todas as suas nuances complexas. Deste modo, queremos pontuar que a questão da mulher neste primeiro momento da teoria lacaniana não desqualifica a construção dessa ideia fundamental, pelo contrário, a questão da mulher irá permear toda sua teoria, como um nó que receberá novo tratamento à luz da sua leitura sobre o gozo. Nas palavras de Ivan Ramos Estevão: “não digo que Lacan muda da leitura estrutural para a do gozo, mas que a do gozo é uma decorrência da leitura estrutural, pois pode ser retomada à luz de novas conceituações” (2021, p. 77).

A concepção de complexo de Édipo não seria apenas importante para a psicanálise, mas também indispensável, como demonstra Julia Kristeva em seu livro “Sentido e contra-senso da revolta: poderes e limites da psicanálise I” (2000). A filósofa e psicanalista faz um profundo debate sobre a relevância dessa conceituação e sublinha seu papel de organizador da vida psíquica na infância. “Insisto no fato de que se trata da organização genital *infantil*, diversa, portanto, da do adulto” (p. 123). O desejo incestuoso pela mãe e o desejo assassino

¹⁴ O neologismo é o emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não.

pelo pai são fenômenos centrais do período sexual da primeira infância, nomeado por Freud de complexo de Édipo, que desaparece no período de latência, sucumbindo ao recalque. Para essa autora, trata-se, assim, de uma organização fálica localizada em certo momento da história do sujeito, que perdura como fantasma inconsciente. Todavia, essa estrutura organizadora não será definitiva no desenvolvimento psicosexual.

Para Kristeva, o Édipo demonstra sua universalidade a partir da triangulação filho-mãe-pai, observando que o pai, ocupando o cume do triângulo, pode sofrer variações, de modo que esse papel possa ser exercido por um tio ou uma mulher, por exemplo. Contudo, não há como negar sua existência, pois este terceiro é quem fará a interdição do incesto, que é caracterizado pela relação do bebê com a mãe, e com isso possibilitará a constituição do sujeito como falta e também como sujeito da representação, que culmina na capacidade de pensar. O fracasso do Édipo é a condição intrapsíquica que consolida o acesso à função simbólica, instaurando no centro do aparelho psíquico o impossível. As palavras da autora acentuam esse ponto crucial:

O conflito edipiano, com o incesto, o assassinato do pai e a prova da castração, consiste em incluir o sujeito – que já pôde esboçar sua autonomia, percebe-se como abandonado ou separado, identificar-se no espelho, afastar-se da mãe – na cadeia significante. Cadeia significante constituída pelos três protagonistas, o sujeito se situa em relação aos três: “e eu, e eu, e eu”. Ele significa como “terceiro excluído” que reclama seus direitos e ao mesmo tempo se insere na linguagem, na lei, na socialização, e tem acesso assim ao pensamento – pensamento no sentido de capacidade de formular seu lugar não apenas na sociedade mas também e consequentemente no mundo transsocial. Em resumo, é no conflito edipiano que se medirá a capacidade simbólica e é nele que reaparece a questão do pai, já que essa capacidade simbólica lhe será justamente relacionada (KRISTEVA, 2000, p. 141).

Para que o sujeito possa surgir, é preciso passar pela morte do pai – detentor do poder simbólico – e, ao mesmo tempo, entrar em guerra com as pulsões para traduzi-las em representações, e assim passar de um ser que alucina e se representa a um sujeito que pensa.

Enfim, o conceito de complexo de Édipo é intrincado e controverso e talvez por isso poderíamos entender sua intensa discussão, suas críticas e defesas. Todavia, é patente sua contribuição para pensar a constituição subjetiva de um sujeito, assim como sua incidência no contexto da clínica, pois não há como negar que a narrativa edipiana é central nas questões existenciais dos seres de linguagem. Ivan Ramos Estevão (2021) faz uma síntese interessante acerca do conceito, dizendo que é um dos mais trabalhados e criticados na psicanálise por abranger muitos elementos, como:

[...] posição subjetiva de uma criança diante do problema de sua existência com um corpo e como ser social; a relação dessa criança com os seus afetos e fantasias; a criação de uma possibilidade de lidar com o insuportável do desamparo; a passagem que vai de um ser submetido e assujeitado para um ser social e falante; um mito social sustentado por várias culturas e que regula as relações; [...] (p. 14).

Portanto, constatamos que a psicanálise não se propõe a facilitar a questão enigmática sobre a sexuação humana, utilizamos o termo lacaniano sexuação para justamente salientar esse ponto de disjunção e de dificuldade ao qual a sexualidade humana nos convoca. Todavia, a psicanálise evidencia que os pressupostos binários, homem e mulher, não se sustentam, pelo contrário, demonstram a assimetria entre os sexos porque somos atravessados pela linguagem. A psicanálise, com Freud e Lacan, desmonta um sistema fixo de binaridade que se complementa. Mesmo não dando uma palavra final à temática, há uma tentativa que por si só é revolucionária. Diante do impossível do sexual, não há como manter um discurso pronto, é preciso estar advertido de seu tempo, se não caímos na fixidez a que a psicanálise não se propõe. Assim, entendemos que é um trabalho em progresso, que está aberto a críticas, mas que reitera sua relevância e magnitude como arsenal teórico potente.

CONCLUSÃO

Com a elaboração deste trabalho, pudemos concluir que o conceito de Édipo é de grande valor para a Psicanálise; e esta, apesar de potente para a desconstrução de modelos normativos no que se refere ao que é ser homem ou mulher, não pode ser tomada como terminada. É o que se percebe com o retorno de Lacan a Freud, demonstrado no segundo capítulo, e também com os novos argumentos trazidos por psicanalistas e filósofos contemporâneos apresentados no terceiro capítulo.

O conceito debatido até então mostra sua força ao influenciar a sociedade e ao colocar em xeque formulações ontológicas relativas ao que é ser homem e ser mulher. A psicanálise não define o ser humano em conceitos fechados e imutáveis, e a prova disso é que a temática é discutida e reformulada pelas novas formações advindas da sociedade. A psicanálise não está fechada em conceitos fixos e está atenta ao advir do sujeito localizado na sua contemporaneidade, principalmente porque toma a clínica como seu operador, ou seja, ela não se apoia apenas nas construções teóricas, mas tem na escuta clínica o seu ponto de incursão social. Ademais, é evidente que o papel das mulheres em nossa época é completamente diferente da realidade que Freud e até mesmo Lacan estavam vivenciando.

Por ser uma teoria aliada à práxis, a psicanálise se vê a todo instante tendo que lidar com novas formulações e críticas que a fazem se transformar, não a ponto de excluir seus conceitos, mas de manter-se aberta e propensa às flutuações dos tempos. Entendê-la como uma teoria rígida é descontextualizá-la e fazer com que se perca o foco de uma teoria que desnatura o ser humano. Sua grande sacada foi demonstrar que a lógica humana é outra, para além da natureza, pois o ser humano é um ser de linguagem e, portanto, está imerso em um mundo simbólico e imaginário que não se apresenta de forma imutável.

A prática clínica coloca o psicanalista a pensar sobre a subjetividade de sua época, pois se assim não for, ele corre o risco de estar congelado num modelo normativo que conseqüentemente é ineficaz e incompatível com a revolucionária proposta freudiana.

A filosofia da psicanálise nos coloca nesse lugar de desconforto com a teoria, porém não sob um viés negativo, mas justamente do lugar que se espera de um filósofo, que é o de questionar a realidade em que ele está inserido. Então, não poderíamos aproximar o psicanalista dessa posição? Não apenas como mero técnico que reproduz em sua prática seu

conhecimento, mas como um ser inquieto, afinal, a psicanálise promove mesmo uma inquietação, um desconforto, uma desalienação.

Assim, tomar o conceito edipiano proposto por Freud como um sistema rígido é talvez o caminho para torná-lo inútil, pois suas considerações acerca da mulher e do feminino não cabem mais em sua totalidade em nossa realidade clínica. Lacan demonstrou isso, elaborando um retorno a Freud; mesmo que para subverter sua lógica, ele partiu dos conceitos formulados pelo psicanalista vienense e com isso acentuou a sua relevância, assim como fez grandes avanços na conceituação teórica.

Deste trabalho, depreende-se também o papel estruturante do Édipo na constituição subjetiva da criança que, ao criar uma narrativa própria para dar conta de significar a problemática de sua existência, lida com uma pluralidade de dimensões que entrelaçam o singular, o individual e o social.

Em relação à mulher, vimos o lugar que ela ocupa na teoria, sua importância ao colocar em questão os conceitos formulados, principalmente o acento dado ao conceito edipiano, pois há uma tentativa e prerrogativa para dizer acerca da feminilidade, mas que se pode traduzir numa incapacidade de pensar o que é próprio da feminilidade.

Se para Freud e Lacan permaneceram as questões sobre o que é ser uma mulher e o que quer uma mulher, podemos utilizar a interrogação desses dois homens para manter aberta a questão de como se constitui uma mulher, enquanto nos interrogamos continuamente sobre o que é ser uma mulher atualmente. Quem sabe avançamos ainda mais e colocamos a questão de como nos tornamos uma singularidade, ou seja, como a epopéia edipiana é um terreno propício para a construção de uma sexuação singular para cada sujeito. Um enlaçamento entre real, simbólico e imaginário que estruturará a fantasia identitária de cada um. Ou, incrementando ainda mais, um tornar-se uma singularidade para além de uma categoria substancialista, quem sabe numa categoria heidigariana, um tornar-se essa coisa que nós mesmo somos. Um ex-sistir, um aberto, um (pro)jetar-se e, um vir-a-ser, vira-ser, brincando com o significante como nos ensinou Lacan, afinal somos seres de linguagem, somos fala-a-ser, assim como somos falta-a-ser.

Há que pensar na subjetividade de cada época, assim, esse é um ensinamento que podemos extrair da psicanálise e da filosofia. Não se deve incorporar a teoria como uma verdade absoluta, uma vez que o encontro com a prática clínica retira o psicanalista do lugar

de conforto e certeza. Por meio dessa constante dialética, a psicanálise se mantém viva na pólis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARACAT, Juliana. Um breve histórico da histeria: de Freud a Lacan. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, ano. VII, n. 13, p. 1-33, nov. 2009. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/UsViSyNsu7lSBW7_2013-5-13-14-58-3.pdf. Acesso em 13 set. 2020.

CAMPISA, Valesca Rosário; CALDAS, Heloísa Fernandes. Feminilidade: enigma e semblante. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 2, p. 258-273, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 13 set.2020.

COSSI, Rafael Kalaf. **Lacan e o feminismo: a diferença dos sexos**. 1º Edição. São Paulo: Annblume Psicanalítica, 2018.

DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. 1º Edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Discurso e Semblante**. 1º Edição. São Paulo: nVersos, 2017.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud: uma hipótese de leitura**. 1º Edição. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

ESTEVÃO, Ivan Ramos. **O complexo de Édipo**. 1º Edição. São Paulo: Aller, 2021.

FONSECA, Eduardo Ribeiro da. **Psiquismo e Vida: O conceito de Impulso nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche** / Eduardo Ribeiro da Fonseca; orientador Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FRANÇOIA, Carla Regina. **De Freud a Irigaray: da mulher como enigma à potência crítica das estruturas hegemônicas**. Orientador: Eduardo Ribeiro da Fonseca; coorientadora: Patrícia Porchat. Tese (Doutorado em Filosofia da Psicanálise) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018.

FREUD, Sigmund. Observações de um caso grave de hemianestesia em um homem histérico. v. I, 1886. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 61-67.

_____, Sigmund. Estudos sobre histeria. v. II, 1893 – 1895. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 39-328.

_____, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: **Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma**

histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). 1º Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____, Sigmund. A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna (1908). In: **Obras incompletas de Sigmund Freud.** Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. 1º Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

_____, Sigmund. A vida sexual humana (1916a). In: **Obras Incompletas de Sigmund Freud.** Amor, sexualidade, feminilidade. 1º Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

_____, Sigmund. Desenvolvimento da libido e as organizações sexuais (1916b). In: **Obras Incompletas de Sigmund Freud.** Amor, sexualidade, feminilidade. 1º Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

_____, Sigmund. Organização genital infantil (1923). In: **Obras Incompletas de Sigmund Freud.** Amor, sexualidade, feminilidade. 1º Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

_____, Sigmund. Uma breve descrição da psicanálise (1924). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago editora, 1996, p. 215-218.

_____, Sigmund. O declínio do complexo de Édipo (1924). In: **Obras Incompletas de Sigmund Freud.** Amor, sexualidade, feminilidade. 1º Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

_____, Sigmund. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: **Obras Incompletas de Sigmund Freud.** Amor, sexualidade, feminilidade. 1º Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

_____, Sigmund. A questão da análise leiga (1926). In: **Obras completas.** Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926 – 1929). 1º Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____, Sigmund. Sobre a sexualidade feminina (1931). In: **Obras Incompletas de Sigmund Freud.** Amor, sexualidade, feminilidade. 1º Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

_____, Sigmund. A feminilidade (1933). In: **Obras Incompletas de Sigmund Freud.** Amor, sexualidade, feminilidade. 1º Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

GARCIA, Luiz Fernando Botto. **Despertar do real:** a invenção do objeto a. Orientador: Vladimir Pinheiro Safatle. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

JERUZALINKI, Alfredo. Perfurações. A diferença sexual. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.** Nº 27 – Setembro – 2004, p. 9 – 17.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise:** o legado de Freud e Lacan. 1º Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

KEHL, Maria Rita. **Deslçamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem pra a modernidade. 2º Edição. São Paulo: Boitempo, 2016.

KRINSKI, Sthefan; MADEIRA, Manoel; MOSCHEN, Simone. A noção de semblante em Lacan: contribuição às identidades contemporâneas. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, volume 22 (4), p. 802 – 827, dez. 2019.

LACAN, Jacques. Discurso de Roma (1953). In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 139-172.

_____, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 238-324.

_____, Jacques. A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise (1955). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 402-437.

_____, Jacques. (1956). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 461-495.

_____, Jacques. A significação do falo. Die Bedeutung des Phallus (1958). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 692-703.

_____, Jacques. A psicanálise verdadeira, e a falsa (1958). In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 173-192.

_____, Jacques. **O Seminário, livro 4**: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____, Jacques. **O Seminário, livro 5**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____, Jacques. **O Seminário, livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____, Jacques. **O Seminário, livro 18**: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

MOI, Toril. Pensamento patriarcal e a pulsão de conhecimento. In: BRENNAN, Teresa. **Para além do falo**: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

MONZANI, Luiz Roberto. **Freud**: O movimento de um pensamento. 3º Edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

MORESCHI, Elizabeth Maria. **Lacan e o Retorno a Freud**: os caminhos da formalização da subversão do sujeito e da dialética do desejo. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/31796/R%20-%20D%20-%20ELIZABETH%20MARIA%20MORESCHI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 17 abr 2021.

PACHECO, Ana Laura Prates. **Feminilidade e experiência psicanalítica**. 2º Edição. São Paulo: Agente Publicações, 2017.

- POLI, Maria Cristina. **Feminino/Masculino**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- POLLO, Vera. **Mulheres históricas**. 2º Edição. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.
- QUINET, Antonio. **Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- QUEIROZ de PAULA, Fernanda Oliveira. **Da castração como rochedo freudiano à vertente da sexuação lacaniana**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGTP, 2013.
- RIVIERE, Joan. A feminilidade como máscara. **Psychê**. São Paulo, v. 9, n. 16, p. 13-24, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 abr 2021.
- SALES, Léa Silveira. Linguagem do Discurso de Roma: programa de leitura da psicanálise. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 20, n. 1, Jan/Apr. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000100007. Acesso em 07/03/2021.
- SILVEIRA, Léa. Entre teses e textos: Como o tema da inferioridade da mulher aparece nos ensaios que Freud dedica à sexualidade feminina? **Revista de Filosofia Aurora**, [S.1.], v. 33, n. 58, abr. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/26230>>. Acesso em 17 out. 2021.
- SISSON, Nathalia; WINOGRAD, Monah. A Ciência de Freud: introdução ao problema da cientificidade da psicanálise. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 22, n. 1, jan./abr, p. 67-84.
- SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- SOLER, Colette. **A querela dos diagnósticos**. São Paulo: Blucher, 2018.
- SOLER, Colette. **Homens, Mulheres: Seminário 2014 – 2015**. São Paulo: Aller, 2020.
- TEIXEIRA, Marcus do Rio. **A feminilidade na psicanálise e outros ensaios**. Salvador: Ágalma, 1991.
- THIRRY-CHERQUES, Hermano Roberto. O primeiro Estruturalismo: Método de Pesquisa para as Ciências da Gestão. **Rev. adm. contemp.** V. 10, n. 2, p. 137-156, jun 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552006000200008>. Último acesso em 13/07/2021.
- VEIGA, Angela Barbosa da. **Histeria e Psicanálise: uma relação dos tempos de Freud à atualidade**. Monografia apresentada Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília na Pós-Graduação Lato Sensu do Departamento de Psicologia Clínica. 2013.
- ZAKIN, Emily. **Psicanálise feminista**. The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2011 Edition), Edward N. Zalta (ed). <https://plato.stanford.edu/archives/sum2011/entries/feminism-psicanalise/>. Último acesso em 08/03/2022.
- ZIMERMANN, David. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise [recurso eletrônico]** / David Zimmerman. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2008.